



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**MEDIAÇÃO CULTURAL- ARTES E LETRAS**

**ENCONTRO LITERÁRIO: MÃOS QUE MOLDAM HISTÓRIAS  
PRÁTICAS DE MEDIAÇÕES LITERÁRIAS E ARTÍSTICAS**

**ANA CAROLINA CAUNETO PIRES**

Foz do Iguaçu  
2025



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**MEDIAÇÃO CULTURAL- ARTES E LETRAS**

**ENCONTRO LITERÁRIO: MÃOS QUE MOLDAM HISTÓRIAS  
PRÁTICAS DE MEDIAÇÕES LITERÁRIAS E ARTÍSTICAS**

**ANA CAROLINA CAUNETO PIRES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Mediação Cultural - Artes e Letras.

Orientador: Profa. A Dra. Mariana Cortez

Foz do Iguaçu  
2025

ANA CAROLINA CAUNETO PIRES

**ENCONTRO LITERÁRIO: MÃOS QUE MOLDAM HISTÓRIAS**  
**PRÁTICAS DE MEDIAÇÕES LITERÁRIAS E ARTÍSTICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Mediação Cultural- Artes e Letras.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Profa. Dra. Mariana Cortez  
UNILA

---

Profa. Dra. Cristiane Checchia  
UNILA

---

Profa. Dra. Giane Lessa  
UNILA

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Dedico este trabalho a minha família.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de expressar minha profunda gratidão à minha orientadora, Mariana Cortez, pela oportunidade de atuar no projeto "Vivendo Livros". A experiência enriquecedora e os conhecimentos compartilhados sob sua orientação foram fundamentais para meu crescimento acadêmico e pessoal.

Além disso, quero agradecer sinceramente a todos os meus colegas do projeto. As amizades que construí e o suporte incondicional da equipe foram essenciais, tornando essa jornada ainda mais especial. A acolhida e o espírito colaborativo que encontrei aqui foram inestimáveis.

Gostaria de expressar minha sincera gratidão às professoras Giane Lessa e Cristiane Checchia pela presença e a avaliação de vocês foram fundamentais, e sou imensamente grata por terem contribuído para este momento tão especial na minha trajetória acadêmica.

Agradeço imensamente aos meus amigos de lar que proporcionaram muitas lembranças da graduação. Também aos meus animais que sempre foram apoio e parceiros para essa caminhada. E ao parceiro de vida, namorado e amigo Lucas Comin por acolher, ajudar e participar desde o começo do curso. Agradeço também a minha amiga Ana Beatriz Guimarães pelos meses de luta, partilha e ajuda.

Aos meus pais devo todo agradecimento pela forma que transformaram minha criação e educação. Meu pai por sentar-se na escada e cantar músicas de ninar, as histórias dos avós Dindin e Dindinha, do vô Zé, vó Amélia, vó Maria e vô João, por me levar andar a cavalo e para as roças, apreciar as coisas simples e por permitir me perder pelo sebo de livros. A minha mãe por tanto cuidado e esforço em me educar e garantir uma educação de qualidade e continuar a compartilhar experiências que me agregam até hoje desde plantar até costurar. Agradeço por serem meu pilar e meu maior motivo para permanecer buscando um mundo melhor.

Agradeço imensamente ao meu irmão, João Victor Cauneto Pires que participou de perto de boa parte da minha graduação, assim como me nutriu de referências, conhecimentos e compartilhamentos de vida que sempre irei carregar na bagagem em sua memória.

*Não se curem além da conta. Gente curada demais é gente chata. Todo mundo tem um pouco de loucura. Vou lhes fazer um pedido: Vivam a imaginação, pois ela é a nossa realidade mais profunda. Felizmente, eu nunca convivi com pessoas ajuizadas.*

***Nise da silveira***

## RESUMO

Esta pesquisa objetiva relatar minhas experiências como mediadora cultural no projeto *Encontro Literário: Mãos que moldam histórias*, desenvolvido para entender como a leitura literária e a prática artística podem contribuir para compreender o processo de envelhecimento da mulher, assim como entender como essas linguagens podem ser ferramentas que promovem qualidade de vida no envelhecimento através dos estímulos criativo, cognitivo e afetivo. A pesquisa foi realizada em seis encontros com mulheres idosas que frequentam o Conselho Comunitário da Vila C, na cidade de Foz do Iguaçu, PR. A pesquisa demonstrou que o uso das linguagens artísticas foi importante para tornar possível o diálogo entre as participantes e valorizar as memórias das mulheres idosas através do diálogo e com o fortalecimento dos laços comunitários.

**Palavras-chave:** mulheres idosas; mediação cultural; Arteterapia.

## RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo relatar mis experiencias como mediadora cultural en el proyecto *Encuentro Literario: Manos que moldean historias*, desarrollado para entender cómo la lectura literaria y la práctica artística pueden contribuir a comprender el proceso de envejecimiento de la mujer, así como entender cómo estos lenguajes pueden ser herramientas que promueven la calidad de vida en el envejecimiento a través de los estímulos creativo, cognitivo y afectivo. La investigación se llevó a cabo en seis encuentros con mujeres mayores que asisten al Consejo Comunitario de la Vila C, en la ciudad de Foz do Iguaçu, PR. La investigación demostró que el uso de los lenguajes artísticos fue importante para hacer posible el diálogo entre las participantes y valorar las memorias de las mujeres mayores a través del diálogo y el fortalecimiento de los lazos comunitarios.

**Palabras clave:** mujeres mayores; mediación cultural; Arteterapia

## ABSTRACT

This research aims to report my experiences as a cultural mediator in the *Literary Meeting project: Hands that shape stories*, developed to understand how literary reading and artistic practice can contribute to understanding the aging process of women, as well as to understand how these languages can be tools that promote quality of life in aging through creative, cognitive, and affective stimuli. The research was conducted in six meetings with elderly women who attend the Community Council of Vila C, in the city of Foz do Iguaçu, PR. The research demonstrated that the use of artistic languages was important to make possible the dialogue between the participants and to value the memories of elderly women through dialogue and strengthening community bonds.

**Key words:** elderly women; cultural mediation; art therapy

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

<b>Fotografia 1</b> – Meus Avós	16
<b>Fotografia 2</b> – Capa do livro “O Túnel” de Anthony Browne.	18
<b>Fotografia 3</b> – Preparação da mesa com o livro, materiais e peças.	30
<b>Fotografia 4</b> – Momento do jogo.	33
<b>Fotografia 5</b> – Cartas do jogo Caixa Mágica de Chinês	34
<b>Fotografia 6</b> –Apresentação sobre a UNILA e o Curso de MCAL.	35
<b>Fotografia 7</b> – Livro “A Formiga Aurélia e outros jeitos de ver o mundo”	36
<b>Fotografia 8</b> – Desenhos das mãos	37
<b>Fotografia 9</b> –Disposição das mesas	38
<b>Fotografia 10</b> –Livro “Vazio”de Anna Ilenas	40
<b>Fotografia 11</b> –Momento da Leitura de “Vazio”Anna ILenas	43
<b>Fotografia 12</b> –Modelagem do Porta-retrato	44
<b>Fotografia 13</b> –Modelagem do Porta-retrato pela participante	44
<b>Fotografia 14</b> – Participantes preenchendo os porta-retratos com fotos.	46
<b>Fotografia 15</b> – Livro O Lenço Branco de Viorel boldis	48
<b>Fotografia 16</b> – Livro “A menina a Vaca e o avô” de Luís Pimentel.	49
<b>Fotografia 17</b> –Peças Tridimensionais .	52
<b>Fotografia 18</b> – Peças tridimensionais e não tridimensionais das participantes.	52
<b>Fotografia 19</b> – Confraternização de Inauguração da BIPI	54
<b>Fotografia 20</b> – Ambientação da Leitura do livro “A Árvore Generosa”	55
<b>Fotografia 21</b> – Intervenção na árvore generosa	56
<b>Fotografia 22</b> – Pintura das peças	57
<b>Fotografia 23</b> – Livro “A Árvore Generosa” de Shel Silverstein	57
<b>Fotografia 24</b> – Exposição das peças	58

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

2 TRAJETÓRIAS	14
2.1 A vida e a UNILA	16
2.2 A vida “fora” da UNILA	16

### **3. PROJETO *Encontro Literário: Mãos que moldam histórias.***

3.1 A terceira idade e as mulheres idosas	20
3.2 A arteterapia no contexto da mediação	25
3.3 Sentidos e experiências das mulheres idosas	26

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

### **BIBLIOGRAFIA**

<b>anexos</b>	67
ANEXO 1– DADOS DO QUESTIONÁRIO	68

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – Brasil (UNILA). Este trabalho de conclusão de curso busca relatar minha experiência como mediadora no projeto *Encontro Literário: mãos que moldam histórias* detalhando os processos literários e artísticos que foram vivenciados por mim. Como finalização da minha formação superior como mediadora cultural desenvolvi esse projeto que pretendeu promover atividades de Leitura Literária e Artes por meio da modelagem de cerâmica fria para o público de mulheres idosas. O uso dessas duas linguagens artísticas tem como intuito dar voz a narrativas das mulheres idosas para entender os processos de envelhecimento experienciados por elas e contribuir com o acesso de atividades terapêuticas.

A pesquisa foi realizada no Conselho Comunitário da Vila C (CCVC) com um grupo de 25 mulheres com mais de 60 anos que frequentam a Ginástica do grupo Bem-estar no conselho. As participantes são moradoras da Vila C e dos bairros ao redor que pertencem à zona norte da cidade. O bairro da Vila C foi construído na década de 1970 para alojar os trabalhadores operários da Usina Binacional de Itaipu na cidade de Foz do Iguaçu, no estado do Paraná.

Sendo assim, no primeiro capítulo busco apresentar a minha trajetória no curso de Mediação Cultural - Artes e Letras na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e como as experiências vivenciadas como estudante e como sujeito com suas subjetividades contribuíram para a elaboração desse projeto. No capítulo 2, investigo os estudos acadêmicos sobre os sujeitos dessa pesquisa que nos levam a entender sobre a terceira idade e as mulheres idosas por meio da dissertação de mestrado “Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade” (2009) de Mariele Correa e o artigo “Perdas e ganhos do envelhecimento da mulher” (2005) de Márcia Jorge. No capítulo 3, faço a revisão teórica de dois artigos sobre a Arteterapia, “Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental” (COQUEIRO, et al., 2010); “Contribuições da Arteterapia para promoção da saúde e qualidade de vida da pessoa idosa” (JARDIM, et al., 2020) e o guia para mediações de leituras literárias, da autora Mariana Cortez (2024). Por fim, no capítulo 4, relato minha experiência como mediadora no projeto *Encontro Literário: Mãos que moldam histórias*.

## 2 TRAJETÓRIAS

### 2.1 A vida e a UNILA

Aos dezessete anos conclui o Ensino Médio e havia tomado a decisão de cursar Letras, Artes e Mediação Cultural (LAMC) na Universidade da Integração Latino-Americana (UNILA). Essa tomada de decisão veio após tentar me adequar a diversos cursos da minha região, a Zona da mata mineira, onde nasci e cresci na cidade de Cataguases. Lá, sentia que nenhum curso me contemplava até descobrir a grade curricular do curso de LAMC. A ideia de passar muito tempo estudando um curso homogêneo não me atraía tanto como a interdisciplinaridade deste curso da UNILA. Além disso, a proposta da universidade é integrar diversos estudantes Latino-americanos, assim como de outras regiões e etnias, possibilidade que chamou muito a minha atenção.

Chegar a UNILA tão nova ainda não parecia possível por estar a mais de 1600 km distante de minha cidade natal e vínculos familiares. Graças aos esforços da minha família e de sua abertura para aceitar que sua filha mais nova iria para outra região do país estudar, mesmo meus pais não tendo ensino superior (por parte materna) e sem concluir o segundo grau (parte paterna), consegui ingressar na universidade no ano de 2020.

Pouco após o início das aulas, instauram-se as medidas de isolamento social imposto pela pandemia de covid-19 e o sonho da faculdade fica um pouco mais longe. Quando retornamos às aulas de forma virtual no final do mesmo ano, e em 2022 tivemos a volta ao presencial e o ambiente universitário começou a fazer parte do meu cotidiano.

No decorrer das disciplinas cursadas, percebi que havia, aos dezessete anos, feito uma boa escolha. Cada vez mais o curso que eu idealizei naquele momento parecia fazer sentido na minha vivência e com as coisas que valorizava: a cultura, a memória, a literatura, e o olhar desde a crítica à colonialidade.

Para além disso, a UNILA nos coloca na própria posição de se reconhecer através do olhar do outro/ “estrangeiro”, uma prática que é a tarefa de um mediador, e no âmbito de uma cidade fronteiriça e que recebe diversas outras nacionalidades e permite uma maior sensibilização ao lidar com a diversidade. O curso Mediação Cultural, Artes e Letras passa, portanto, por esses três eixos de estudo.

A Mediação Cultural ou Mediação Comunitária em outros países se

destaca como ferramenta prática para sanar conflitos sociais, culturais e comunitários através da relação dialógica entre duas ou mais partes mediadas por um terceiro com o objetivo de garantir o direito de todos. Entendendo que, a Letras e as Artes são duas potentes ferramentas da própria mediação cultural, o curso abrange o estudo de Guarani (Língua dos povos Guarani presentes na região da tríplice fronteira e língua oficial do Paraguai) e também de literaturas que buscam as vozes da América Latina para contar as histórias e narrativas que nos ajudam a compreender o conflitos históricos que nos trazem ao atual cenário político e social. Da mesma forma as artes, com o mesmo papel e para além das suas próprias práticas não só ajudam a compreender o passado como nos dão orientação na produção de novos signos e significados.

Além disso, para complementar a interdisciplinaridade no curso, as disciplinas de gestão cultural também me geraram uma grande identificação, ao me lembrar dos projetos culturais que participava na minha infância e saber que foi importante para minha formação. Nessas disciplinas, discutimos sobre políticas culturais que levam em conta a necessidade das comunidades e que fossem mais horizontais diante a diversidade cultural, social e econômica que existe no país, que nos dá repertório não só para realizar projetos, mas que sejam desenvolvidos a partir das necessidades dos contextos que estamos inseridos.

Tive a oportunidade de experienciar todos estes eixos nos projetos de pesquisa e extensão, que me dediquei ao longo de dois anos. Atuei no projeto Vivendo Livros, especialmente na Biblioteca para a infância e juventude iguaçuense, BJIJ, na Estação Cultural João Sampaio, Vila C Nova. Além da organização e manutenção da biblioteca, fazíamos um trabalho que buscava formar leitores e através das mediações literárias, ateliês, entre outras atividades, conquistamos um público infantil durante cinco anos de execução das atividades (de 2020 a 2025).

Mas não só a comunidade da Vila C Nova foi beneficiada, nós, estudantes, que participamos do projeto aprendemos muito. Particularmente, na minha graduação, foi fundamental para me desenvolver como pessoa e como mediadora, lidamos com diversos grupos entre os frequentadores e as escolas que visitamos, e pude adquirir muitas experiências e ferramentas de leitura, de compreensão, de observar desde outros olhares para entender o que aquele grupo/comunidade diz, necessita e valoriza. Essa experiência não só me preencheu quanto a importância da presença e o acesso aos livros, como me levou a entender que a biblioteca e os livros podem ser explorados de

várias maneiras, mas que só a existência da biblioteca, sem a ideia de pertencimento, não faz sentido.

A equipe do projeto Vivendo Livros propõe que a mediação literária passa por três passos: a ambientação, a leitura e a simbolização. Então além de ler, contextualizar, produzimos algo artístico sobre o livro. E nessa busca por produzir mediações, eu lia muitos livros infantis e passava pelos processos que iríamos reproduzir como método com as crianças. Eu li diversos livros, pensava sobre eles, estudava o contexto em que ele foi escrito para dar mais sentido à leitura e para que fosse contextualizado para as crianças, mesmo que de forma subjetiva. Depois analisava do que aquele livro sugeria e eu poderia produzir de ambientação para que pudesse ser experienciado sensorialmente pelas crianças; pensava em quais diálogos poderia ter a partir daquele livro para que chamasse a atenção delas; para depois, pensar em qual proposta de simbolização teria a ver com a história e quais intenções poderia trazer, assim como explorar técnicas artísticas que traziam a eles repertórios, o estímulo criativo e cognitivo.

Esses passos também me agregaram muito como leitora, estudante e mediadora. Normalmente, a arte e a literatura vão nos afetar de diferentes formas, desde o presente em que estamos lendo, como desde nossas próprias referências. Lembro-me que quando já estava mais afiada nesse processo, os livros que escolhia tinham muito a ver com momentos que estava passando. 1. porque escolhia desde as imagens da capa, às vezes um autor que já gostava, o título; 2. porque a gente também interpreta desde a nossa subjetividade. Isso é importante ser destacado, porque essa pesquisa tem significado muito importante, individual e familiar para mim para além de poder contribuir com as pesquisas na área.

## **2.2 A vida “fora” da UNILA**

Durante boa parte da minha vida e graduação, eu passei por momentos difíceis nos contextos familiares. Venho de uma família com uma grande e terrível herança psicológica marcada pelas doenças e transtornos: depressão, alcoolismo, síndromes do pânico, entre outras que possivelmente não foram identificadas. Até hoje lidamos com elas. Desde minha avó materna e seus 8 filhos. Hoje, ela, aos 94 anos, e todos seus filhos possuem doenças psicológicas ou alcoolismo. Também desde meu avô paterno, que entre as muitas histórias de caçador que ouço da boca de meu pai, também

as infelizes que dizem respeito ao alcoolismo. Ambas as partes da minha família vêm de contextos rurais e deles ouvia muitos contos e cantigas de ninar que retratavam a vida deles na roça, nas fazendas, na lavoura e na caça.

### Fotografia 1 - Meus Avós



Fonte: O Autor, 2025.

Depois de muitas histórias, nasceu meu irmão mais velho em 1997, hoje falecido, por suicídio. Não sabemos dizer ao certo quais doenças ele tinha, mas certamente o abuso de substâncias químicas, de álcool, carregado por problemas não tratados me levaram a um luto por uma pessoa que muito me ensinou, em 16 de março do ano de 2024, vem a encerrar sua trajetória.

A partir desse momento, eu inicio um processo muito intenso de cuidado com a saúde mental para conseguir me manter firme diante um luto tão abrupto e que vem carregado de muitos traumas, sensíveis e duais. Meu irmão, João Victor Cauneto Pires, tem muita participação na minha vida, éramos irmãos “grudados” e criamos muito juntos. Durante a pandemia, pintamos e bordamos experimentando diversas linguagens artísticas, nesse momento, ele já enfrentava muito dos seus transtornos acompanhados pela dependência química, mas o ano de 2020 e 2021, os anos de pandemia, foram os últimos que pude presenciar ele sóbrio mais vezes. Acredito que a arte e meu curso nos ajudaram muito nesse processo e podemos aprender muito com ele. Meu irmão, até os últimos dias de sua vida ainda criava, mesmo que não se alimentasse, não saísse de casa, não conversasse, ele desenhava. Ele também escrevia, pintava, fotografava, e era apaixonado pelo cinema. João me trouxe muitas referências.

Quando em março de 2024, João comete suicídio, me desloquei até Minas Gerais para poder me despedir dele. Quando regressei, eu estava fazendo um Trabalho de Conclusão de Curso que já não fazia sentido para mim há um tempo, depois de uma inércia nele, enquanto segui minhas disciplinas mesmo num processo tão doloroso, voltei a me consultar com psicólogos, psiquiatra e buscar maneiras de ocupar minha cabeça, foi quando mergulhei em três coisas: a UNILA, na qual mais sofria em presenciar as aulas, mas muito me manteve de pé quando me dedicava em casa; a BJI; e literatura.

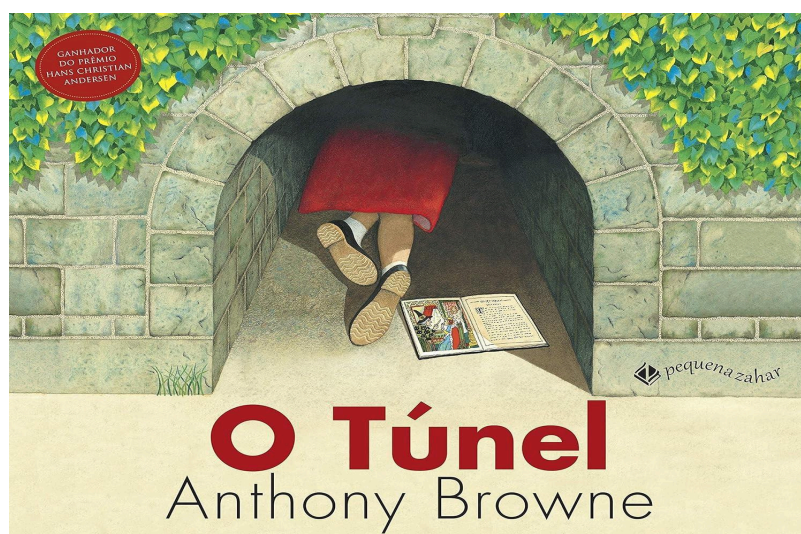
A universidade me demandava trabalhos, que eram ótimos para que eu me dedicasse e buscasse algum sentido naquilo, as demandas me ajudavam a me ocupar, mas ir até as aulas era a tarefa mais difícil. Isso porque todo o trajeto me deixava muito pensativa, era meia hora de ida/volta no ônibus que se eu colocasse, como sempre fiz, um fone no ouvido, espontaneamente minha cabeça viajava até meu irmão e o choro era tão espontâneo como o pensamento de culpas e soluções que não mais podiam ser utilizadas. Meu maior medo já havia acontecido, que era perdê-lo, o medo que cultivei por toda adolescência quando via os problemas devido aos transtornos irem escalando na vida do meu irmão e por consequência na família. Foi quando comecei a ler mais no ônibus e lembro que o primeiro livro que muito me apeguei foi “O garoto do riquixá” de Chao Lee que muito tem a discutir sobre os esforços dos nossos sonhos, as desigualdades sociais e a injustiça ao longo da nossa experiência de vida, na qual as vezes me perdia em pensar: que injusto o mundo é, melhor utilizar esse contentamento para me dedicar a fazer algo justo e que fazia sentido pra mim.

Logo depois desse período, veio outro, em que uma das minhas disciplinas se chamava “Arte como pesquisa”. Em geral, todas as disciplinas de Artes haviam sido excelentes na minha graduação. Inclusive, quando estava em Minas, meu irmão também assistia às aulas junto comigo, que eram nessa época virtuais, e a professora em questão o conhecia. Nessa disciplina, o objetivo era entender como se realizam pesquisas pela arte, levando em consideração o processo artístico e não apenas o produto. Sendo assim, sabemos que um artista é capaz de incorporar a expressão de um indivíduo e coletivo através da linguagem artística, o que ele produz é influenciado pelas suas referências cotidianas, culturais, sociais, seus sentidos e o seu presente, ou seja, como você está naquele momento influencia na sua criação. Como era uma disciplina prática de uma turma bem cheia, com estudantes tanto de arquitetura quando

do meu curso, a professora dividiu em vários grupos que ficaram com diferentes textos que atendiam a teoria da disciplina, então em todas as aulas um grupo aplicava uma prática para experimentar a partir daquela leitura, e ao final, mais um trabalho: um memorial descritivo de um processo artístico. Sabendo que esse processo tem normalmente a ver com o que nos está influenciando, socialmente, emocionalmente etc. Eu sabia que de alguma forma minha pesquisa teria a ver com meu irmão, e teve, mas também com todo meu contexto familiar. Por observar que minha avó materna e suas três filhas, uma delas minha mãe, sofrem com doenças psicológicas que vem sobrepondo suas histórias de vida, como filha e neta, quero que suas histórias sejam marcadas pelos seus saberes, não apenas suas dores e perdas.

E como havia dito antes, as três coisas que me ajudaram e ajudam no processo de luto, além claro, da minha terapeuta, família, entre tantos, foi a universidade e o envolvimento na biblioteca, na literatura e nas artes. Por isso, minhas mediações literárias da época para as crianças eram carregadas das minhas interpretações daquele momento, e as escolhas dos livros eram influenciadas pela forma que me sentia e do que mais me chamava a atenção, o que aguçava meu sentido visual. Eu lia livros infantis, e pensava “poxa, parece que tudo que leio é triste”, mas de certa forma, era porque eu associava as minhas vivências e minhas emoções. Parecia que sem querer meus olhos iam de encontro com livros que se relacionavam com o processo que estava vivendo ou me fazia questionar ele, como por exemplo “o Túnel” de Anthony Browne, na seguinte edição:

**Fotografia 2** – Capa do livro “O Túnel” de Anthony Browne.



Fonte: Editora Pequena Zahar; 1ª edição, 2015.

Eu olhei para essa capa ao buscar livros para preparar mediações para a BIJI e de pronto me coloquei a ler. A história contava sobre um casal de irmãos, que enquanto brigavam, sua mãe os mandou para fora de casa até se resolverem. O menino decide entrar num túnel, a irmã tenta convencê-lo do contrário, e ele segue adentrando aquele espaço escuro a chamando de “medrosa” por não querer que ele faça e não querer fazer o mesmo. Depois de um tempo, o menino está perdido e com medo, e é sua irmã que vai buscá-lo e retornam para casa mais próximos. Inevitavelmente esse livro mexeu comigo e tive que criar uma mediação para ele. Essas experiências me ajudaram muito no processo terapêutico que até hoje sigo passando, me ajudaram também a lidar com o luto, que infelizmente não posso dizer que superei ou vou superá-lo, apenas a gente vai vendo a vida acontecer enquanto leva uma saudade infinita na mochila da mente e da memória.

E foi levando todo esse contexto pessoal, nas minhas experiências de vida e daquele momento, que decidi que queria pesquisar a Arteterapia e a literatura através da mediação cultural.

### **3. PROJETO *Encontro Literário: Mãos que moldam histórias.***

#### **3.1 A terceira idade e as mulheres idosas**

Parti da ideia de trabalhar com mulheres idosas e a Arteterapia conciliando minhas aprendizagens no curso de graduação e minha história de vida. Mas o público com o qual me propus a trabalhar era muito diferente das crianças na BIJI. E então, fui estudar quem são as mulheres idosas. Este capítulo é uma revisão bibliográfica que fiz para tentar compreender este grupo.

Apreendi, ao longo do estudo, que o olhar sobre o envelhecimento tem ganhado novas facetas, porque enquanto há um significativo crescimento da população idosa em todo o mundo (CORREA, 2009), as pessoas idosas têm perdido o espaço no mundo do capital. De uma maneira ambígua, podemos observar o crescimento do discurso em torno da terceira idade. Em seu benefício, há um crescimento dos estudos nos campos das políticas públicas e sociais, também da ciência e medicina que avançam

suas tecnologias promovendo a longevidade de toda a população mundial.

Em decorrência desses avanços, no século XX a expectativa de vida tem um grande aumento em comparação a outras gerações (CORREA, 2009), é dessa forma que o envelhecimento passa a ser experienciado de uma nova maneira e com uma nova complexidade. Pela primeira vez, há mais expectativa de vida. Com o crescimento dessa população, ganhou-se mais visibilidade e gerou mais estudos nas áreas da geriatria e gerontologia. Houve também atenção das organizações mundiais e das políticas públicas no intuito de refletir e acolher este grupo social crescente. Assim se tornou um desafio sociocultural e econômico que deve ser analisado, caracterizado e cuidado pelo poder público.

Entendendo então que mundialmente há riscos de uma inversão na pirâmide etária, é uma preocupação de cunho social, cultural e político reconhecer e se preparar para o envelhecimento da população. Segundo Correa, “Os dados da pesquisa demonstram que, no ano de 2050, as pessoas com mais de 60 anos representarão 32% da população mundial” (CORREA, 2009, pág.41).

Mesmo que desde a década de 1950, houvesse mobilizações dos estudos sobre o tema, o Brasil ainda enfrenta desafios ao garantir melhor qualidade de vida a essa população, diversas iniciativas foram tomadas desde as elaborações científicas que dizem respeito a médicos, instituições, conselhos, entre outros, mas poucos levaram em consideração as diferentes facetas desta fase da vida:

Sendo a velhice uma categoria relativamente privada de expressão, as políticas públicas e a ciência, por meio da gerontologia e da geriatria, foram os atores mobilizados para dar visibilidade a esse objeto problemático. Sendo assim, a expressão das demandas da velhice foi institucionalizada por meio de conselhos, médicos, cientistas, programas, associações etc., muitas vezes trazendo a marca da supressão das necessidades aprisionadas no corpo biológico, não no corpo político. (CORREA, 2009, pág. 116)

Com as mudanças de perspectiva de responsabilidade do cuidado com as pessoas idosas, isto é, quando ela passa a ser gerida pelo Estado, o qual deve garantir a aposentadoria. Recai também sobre a pessoa idosa a tarefa de gerir ações que tragam satisfação e realização pessoal. É devido a esse fator que permeia o novo olhar sobre a velhice como a fase de novos planos, de retomada de desejos antigos, até porque é nesse momento em que sua inatividade fica delimitada a idade. Para muitos idosos, parte de sua identidade e de suas lembranças está ligada às profissões que exerceram ao

longo da vida. O trabalho, por muito tempo, tem sido associado a valores e moralidades em um sistema que prioriza o capital. Nesse contexto, a sociedade costuma distorcer a percepção dos idosos, considerando-os como desvalorizados por não estarem integrados ao mercado de trabalho. Em um contexto em que a aposentadoria revela o hiato do envelhecimento, o ato de lembrar o feito é tão importante quanto fazer novos planos ou ter tempo para aqueles que não foram concluídos. "... na velhice, quando já não há lugar para aquele 'fazer, é o lembrar que passa a substituir e assimilar o fazer. É por isso que o velho tende a subestimar aquele fazer que já não se faz." (BOSI, 1987, pág. 398)

Outro fator que se torna uma questão, é a visão que se alinha ao mercado capitalista. Ao idealizar a terceira idade como um forte público consumidor que nesse momento ainda vê a possibilidade de aproveitar a aposentadoria, que decidem investir em negócios como: viajar, passar por procedimentos estéticos e entre outras provocações que são experienciadas por essa fase intermediária entre a vida adulta e a velhice que muitas vezes são induzidas por uma propaganda de massa, de um sistema consumista e que valoriza o novo, o veloz, atributos que não condizem com todas as fases da vida. Nota-se que este fenômeno afeta mais especificamente a parcela privilegiada economicamente dessa população.

A estigmatização de uma grande parcela da nossa população que esteve presente na construção do entorno social que vivemos hoje, para Motta (2004) *apud* Correa (2009) destacam problemas que foram desenvolvidos com o modo de viver contemporâneo e que afeta diretamente o processo de envelhecimento:

Segundo Britto da Motta (2004), há naturalmente, por parte dos idosos, a clara percepção do processo do envelhecimento, tanto do corpo como da reação social a ele. A construção de identidades depende da construção das imagens do corpo. Afirma Barros (1998) que o corpo e o uso de artifício para arrumá-lo fazem parte de uma forma de controle de expressão da velhice. (MOTTA, 2004, *apud* JARDIM, et al., 2020, pág.31)

Esse culto à beleza, associados imagem do corpo, a saúde física são problemas que vão contra ao próprio envelhecimento desde a perspectiva biológica, que fazem alguns idosos não aceitarem seu processo de envelhecimento, ao não se verem em espaços que também, muitas vezes, são projetados para uma juventude ativa, quando dizemos a respeito de lugares de acesso à saúde, bem-estar e lazer.

No caso das mulheres idosas, o estigma do envelhecimento é agravado

pela questão de gênero. Historicamente, as mulheres foram validadas com base em sua aparência física, capacidade reprodutiva e seus afazeres domésticos, atributos que são profundamente impactados pelo processo de envelhecimento. Além disso, a menopausa traz mudanças hormonais significativas que afetam tanto a saúde física quanto a mental, destacando a necessidade de políticas públicas que garantam acesso a cuidados adequados e informações sobre essa fase da vida, que acolham suas necessidades como atendimento à saúde ginecológica, endócrina e psicológica.

Enquanto há um crescimento na percepção de novos caminhos na terceira idade, a velhice ainda apresenta outras faces que coexistem, na qual muitas pessoas idosas ainda são reféns do abandono em diversos sentidos: as famílias, a saúde pública, as casas de acolhimento etc. Aqueles que são marcados pelo abandono familiar ou que vivem em isolamento social. Essa pode ser uma disfunção acarretada pela falta de atividades levando ao sentimento de improdutividade e solidão que tanto afeta o indivíduo contemporâneo. Também a própria negação da sociedade quanto à velhice, restam poucos espaços para os idosos na sociedade, de participação política, social, cultural e lazer.

Doenças como a ansiedade, depressão, demência e até mesmo Transtorno de estresse pós-traumático são recorrentes na população idosa que enfrenta a passagem de um corpo ativo no trabalho, na produção, que participa social e politicamente, para um corpo supostamente “inativo”. Essa passagem da vida adulta para a velhice pode gerar desordens como: a perda da mobilidade, a perda de entes e amigos, que geram muitas transformações que atingem o emocional da pessoa velha.

Em culturas indígenas, os anciãos são reverenciados como guardiões de sabedoria e experiência, desempenhando um papel fundamental na transmissão de conhecimentos para as novas gerações. Em contraste, na sociedade ocidental, marcada pela herança colonial e pelo sistema capitalista, os idosos são frequentemente vistos como um peso econômico e social, sobretudo devido aos custos relacionados à saúde e à acessibilidade. De acordo com os autores “a velhice foi tratada a partir da segunda metade do século XIX como uma etapa da vida caracterizada pela decadência e pela ausência de papéis sociais” (JARDIM, et al., 2020, pág.27) e como evidenciado anteriormente, depois do século XX, ela passa a ser interpretada com novos significados, mas que acabam por também estigmatizar e homogeneizar a fase da terceira idade e da velhice, ainda carregados de preconceitos do passado.

Contudo, é muito importante que não apenas a saúde física e mental seja levada em consideração, mas também a subjetividade da história, a memória dessa população. Ecléa Bosi atribui que uma das funções do velho é lembrar. A memória e a lembrança fazem parte intrínseca da subjetividade de cada sujeito e que ajudam a contar suas histórias. Quando assumimos o papel de lembrar, para Streck (1999) não apenas estamos fazendo uma visita ao passado, mas também temos a oportunidade de atualizar e reconfigurar a nossa memória, ação importante para dar sentido a ideia de continuidade e às histórias de vida.(STRECK, et al., 1999, pág.107)

Quando promovemos ações que vão ao encontro a inclusão dessas pessoas em atividades sociais, culturais e políticas, devemos levar em conta que ela transiciona entre muitas mudanças nas relações sociais e na forma de experienciar a vida, muitos gostam de compartilhar suas vivências rememorando as transformações desde sua infância, falar sobre a família, o lugar de origem e as mudanças nas relações sociais. Nesse sentido, a autora descreve:

A memória como função social é descrita como o vínculo com outra época, com a consciência de ter vivenciado tantos desafios e conquistas que traz para o idoso a alegria, satisfação e oportunidade de mostrar sua competência. Isto gera um sentimento de pertencimento, onde sua vida enche-se de valor a espera de ouvidos atentos às suas narrativas. (SOARES, 2018, pág.51)

Atualmente, como muitos idosos enxergam essa fase da vida de forma positiva, como uma oportunidade para iniciar novos projetos e reconstruir sua identidade. Segundo Jardim “o próprio idoso vê o processo do envelhecimento como um tempo oportuno para a construção de algo novo” (JARDIM, et al., 2020, pág. 29), ressalta a importância de ouvir suas necessidades e valorizar suas experiências como agentes ativos na sociedade, para que esse momento seja interpretado no consciente social, não como algo carregado de seus preconceitos, mas de forma que esse medo do envelhecimento não seja um problema, e também ao tratarmos nossos idosos, percebermos sua autonomia para ter respeito diante suas escolhas e necessidades, e também entender que o processo de envelhecer não é experienciado da mesma maneira numa sociedade com problemas de disparidades sociais, de gênero, raça e tão diverso culturalmente. Sobre as desigualdades no contexto latino americano, as autoras Ana Amélia e Maria Tereza apontam os desafios:

Assume-se que o envelhecimento populacional é uma das principais conquistas sociais da segunda metade do século XX, mas que traz grandes desafios. Um

deles é o de assegurar que o processo de desenvolvimento ocorra com base em princípios capazes de garantir a dignidade humana e a equidade entre os grupos etários na partilha dos recursos, direitos e responsabilidades sociais. Isso implica buscar entendê-lo no contexto das grandes mudanças sociais, econômicas, nos sistemas de valores em geral que regem a sociedade, as famílias e, em especial, nas transformações do mercado de trabalho. Na América Latina, essa questão adquire importância especial, pois a ela se soma uma ampla lista de outras questões sociais, tais como pobreza, exclusão social e elevados níveis de desigualdade. Isso coloca para os países da região o desafio de adaptar a sua rede de proteção social às mudanças na estrutura etária, nos arranjos familiares e no mercado de trabalho. (CARAMANO, et al., PASINATO, 2007, pág.2)

São com tantas dessas questões que atravessam a velhice, que surge a necessidade de aprofundar nessa pesquisa o que abrange o envelhecimento para uma mulher que além desse processo biológico vivenciado por todos, sempre estiveram atribuídas ao papel social de cuidado e ao mesmo tempo estiveram vulneráveis a uma estrutura social que ainda é patriarcal e machista.

Nesse sentido, foi por meio de práticas de mediação de literatura e artes que buscamos dar voz às narrativas/memórias de mulheres, que através de um grupo de participantes pudemos identificar e descrever diversas experiências que vão ao encontro as duas faces do envelhecimento descrito pela autora Marilene Correa (2009), como as senhoras que se veem nesse processo de aproveitar a velhice, como as que têm baixa autoestima ou se sentem distanciadas da família, dos netos, mas que também revelam de quais maneiras elas são vivenciadas no contexto feminino, quais as lembranças da infância. Para além disso, promover a inclusão de práticas artísticas, estimular o diálogo, a leitura e relações comunitárias.

### **3.2 Sentidos e experiências das mulheres idosas (Arterapia)**

Utilizar a Arteterapia nesse contexto foi crucial para compreender as narrativas das mulheres idosas, assim como torna-se um dispositivo terapêutico muito potente. A arte desempenha diversas funções na sociedade, e uma delas é seu papel terapêutico.

Alguns nomes como Nise da Silveira chamaram a atenção para a condição muitas vezes degradantes às quais pessoas com problemas de saúde mental estavam submetidas. Ao colocar em prática as pesquisas sobre Arteterapia no Brasil, para além do tratamento, ela humanizou o tratamento de doenças psicológicas que possuía abordagens abusivas e violentas ao tratar seus doentes e propôs a Arteterapia como uma potente ferramenta de transformação.

A partir das pesquisas voltadas para a Arteterapia, pode-se perceber que, ao utilizar linguagens artísticas, existem melhorias nos efeitos negativos de doenças psicológicas e mentais como: ansiedade, depressão e esquizofrenia (COQUEIRO, et al., 2010, pág.862). A arte permite, pois, aos pacientes a organização dos seus pensamentos, de forma que ele cria ferramentas para lidar com as suas emoções, tendo mais consciência e autonomia, permitindo o autoconhecimento que ajuda o processo terapêutico.

A arteterapia é um dispositivo terapêutico que absorve saberes das diversas áreas do conhecimento, constituindo-se como uma prática transdisciplinar, visando a resgatar o homem em sua integralidade através de processos de autoconhecimento e transformação (COQUEIRO, et al., 2010, pág 860).

Ao focar nosso estudo em um grupo de mulheres idosas, direcionamos a atenção para um público frequentemente marginalizado pelo olhar político, cultural e social. O Brasil, historicamente, não se preparou adequadamente para o crescimento da população idosa, perpetuando um imaginário coletivo que associa o envelhecimento ao declínio e à dependência. Esse estigma faz com que muitas vezes a velhice seja vista como um fardo para a família e para a sociedade.

Dentre os espaços que devem ser direitos de qualquer cidadão, independentemente de faixa etária ou gênero, os espaços de cultura e lazer ganham novos significados quando lhes é atribuído um lugar de pertencimento, que sejam frequentados porque fazem parte de um cotidiano da comunidade. Ao proporcionar a elas um espaço para se expressarem e se integrarem, essas práticas permitem que suas criações também concretizem suas memórias.

A arte e a literatura podem desempenhar um papel fundamental na valorização das narrativas dessas mulheres, a partir de suas próprias construções de significado e memória:

A mediação da arte na comunicação apresenta algumas vantagens, entre as quais a expressão mais direta do universo emocional, pois não passa pelo crivo da racionalização que acompanha o discurso verbal. Além disso, com a atividade artística, facilitamos o contato do sujeito com suas questões por um viés criativo, e não apenas dando forma a determinado conteúdo subjetivo, mas também podendo reconfigurá-lo em novos sentidos (DOS REIS, 2014, pág.144)

Assim, ao integrar a Arteterapia com a literatura e artes, esta pesquisa busca não apenas promover o autoconhecimento através das práticas de leitura e das práticas artísticas, mas também ressignificar a experiência do envelhecimento feminino,

transformando o olhar social sobre a velhice e garantindo que as mulheres idosas sejam reconhecidas como protagonistas de suas próprias histórias.

### **3.3 O projeto: definições e descrições**

Os encontros do projeto *Encontro Literário: Mãos que moldam histórias* foram planejados, associando aos estudos de Mediação Literária que foram estimulados pelos dois anos e quatro meses no projeto Vivendo Livros e na revisão do guia de Literatura e Artes (2024) da autora e minha orientadora Mariana Cortez.

Os encontros foram realizados no Conselho Comunitário da Vila C, uma organização da sociedade civil criada pelos moradores e que oferece espaços para atividades esportivas, pedagógicas e culturais para os moradores da região de qualquer idade. O Conselho está localizado na região norte de Foz do Iguaçu, Itaipu C. Ele foi fundado em 2004, surgindo a partir do Programa Energia Solidária da Itaipu Binacional, que mobilizou a comunidade para identificar e buscar soluções para suas principais demandas. Como resultado dessas discussões, os moradores decidiram criar um conselho comunitário para organizar e gerenciar essas necessidades. O CCVC foi formalmente instituído de maneira democrática, com a eleição de diretores e a criação do Estatuto Social, registrado em 4 de abril de 2004, conforme o Novo Código Civil Brasileiro. Seu atendimento é gratuito e contínuo, seguindo as diretrizes da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) e outras legislações específicas. Além disso, a instituição está registrada nos conselhos municipais de Assistência Social (CMAS), Políticas Culturais (CMPC) e Esporte e Lazer (COMEL).

O conselho oferece diversas atividades nas áreas de esporte, cultura, lazer e convivência social e comunitária, atendendo pessoas de 4 a 80 anos. Mensalmente, cerca de 1.000 pessoas participam diretamente das iniciativas promovidas pelo CCVC. Além disso, por meio de parcerias, como o projeto Foz Fazendo Arte da Fundação Cultural de Foz do Iguaçu, são oferecidas oficinas de curta e longa duração para aproximadamente 500 crianças e jovens. O principal objetivo do CCVC é ampliar o acesso da população a oportunidades de cultura, lazer e esportes, promovendo maior integração social.

Uma das atividades promovidas pelo conselho são as Ginásticas do grupo Bem-estar direcionada aos idosos. São 40 idosos que participam de duas aulas por

semana, na terça e na quinta. Após todas as aulas eles fazem um lanche e participam de outras atividades como classes de alfabetização, que é ministrada pela participante das atividades do grupo Bem-estar e dessa pesquisa. Como frequentam o conselho, eles participam de outros programas que são promovidos e divulgados como esse projeto, palestras sobre a saúde, apresentações teatrais, etc. Desse grupo de idosos, 25 correspondem às mulheres que participaram de um questionário, conforme ANEXO 1, e dos encontros literários. As participantes em sua maioria tinham mais de 70 anos de idade e mais da metade da turma tinha origem na área rural. Ao longo do processo elas relataram muitas lembranças da infância, que foram atravessadas pelas brincadeiras e pelo trabalho. Ao longo dos encontros, identificamos que cinco das idosas não sabem ler, enquanto outras que até foram alfabetizadas, mas hoje enfrentam dificuldades físicas para ler e escrever.

O conselho possui a biblioteca, que atualmente é gerida em colaboração com o projeto Vivendo Livros. Depois da revitalização, ganhou o nome de Biblioteca para a Integração (BIPI), onde há uma sala integrada em que as idosas que estão sendo alfabetizadas acompanham as aulas. De acordo com o questionário, apenas uma das participantes não conhecia a biblioteca do conselho e em relação a outras bibliotecas, apenas oito tinham conhecimento. Atualmente no bairro da Vila C existem duas bibliotecas comunitárias: a do CCVC e a que pertence à Estação Cultural João Sampaio, a BIJI que surgiu através do projeto Vivendo Livros pela UNILA em parceria com a Fundação Cultural. Sendo assim, metade das participantes sequer conhece as bibliotecas do bairro e da cidade, confirmando o baixo acesso que a população das regiões periféricas têm desses espaços.

Diante disso, vemos que o estímulo de atividades como a dos encontros literários são importantes serem desenvolvidas nesses espaços para que se garanta o acesso dessa população a estratégias que desenvolvem soluções tanto midiáticas quanto a longo prazo.

Baseado nas metodologias de Mediação de Leitura Literária propostas pelo projeto Vivendo Livros, foram desenhados os encontros literários para essa pesquisa, entendendo que a literatura e a leitura coletiva contribuem para a construção de ideias, reflexões e de diferentes pontos de vista que podem ser positivas para a criação de vínculos sociais, afetivos, enquanto estimula de formas sensoriais e cognitivas de quem participa. Como retrata a autora:

A literatura convoca a desestabilização das ideias pré-estabelecidas, e os conflitos aparecem quando ela expõe sensivelmente uma situação, ou cria espaços de identificação como um personagem, ou até mesmo a partir da expressão artística (linguagem) faz sentir o tato, a visão, o paladar etc. Por isso, pensamos que a literatura pode ser uma chave para enxergar o mundo em que se vive e construir nova forma de pensar e sentir as relações humanas, desenvolvendo tanto habilidades cognitivas como afetivas (CORTEZ, 2024, pág.9).

Em todos os encontros foram preparadas uma leitura que transitava por diversas histórias que se aproximavam de temas como: a memória, as emoções, as relações etc. Entendendo que a criação de uma obra artística dentro das práticas literárias serve como meio de simbolização de uma leitura, que participa de forma triangular na leitura de uma obra: apreciar, contextualizar, praticar (CUNHA, BARBOSA, 2012), ou seja, uma oportunidade de reformular pensamentos e interpretações ao criar a partir do impacto que a leitura teve em cada, ademais de os processos criativos e o próprio fazer artístico servem como dispositivos terapêuticos.

O material escolhido para as práticas foi a cerâmica fria, pois possibilita de forma mais simples a modelagem das peças, que é uma ótima técnica, porque estimula o tato no processo criativo e nos dá a possibilidade de pintar, sendo mais uma linguagem artística potente para a criatividade e a tradução não verbal, de memórias, sentimentos, emoções de forma inconsciente.

Previamente a realização do projeto, foram escolhidas por mim as leituras para os 6 encontros, que ao longo das atividades algumas foram adaptadas de acordo que íamos observando como se desenvolviam as leituras com o grupo. Os livros que foram analisados e utilizados pertencem ao acervo da BIJI, em sua maioria e são caracterizados como livros de Literatura Infantil. Escolhi esses livros porque observei que as narrativas se relacionam com as possíveis vivências dessas mulheres e de muitas de nós. Os livros como “Guilherme Araujo Fernandes” de Mem Fox; “A menina, a vaca e avô” de Luís Pimentel; “A Árvore Generosa” de Shel Silverstein; “O lenço Branco” de Viorel Boldis traziam narrativas sobre o envelhecimento e a área rural que envolveram as participantes ao associar as suas próprias realidades. Também o livro “Vazio” de Anna Llenas pôde estabelecer pontes de diálogos importantes sobre as doenças mentais, a superação e o autocuidado.

A parte prática foi organizada em conjunto com a coordenadora pedagógica do CCVC, a coordenadora do projeto Vivendo Livros e por mim. Foram

planejados 6 encontros de 50 minutos. O planejamento prévio se distribui da seguinte maneira, aqui podemos analisar a leitura, o objetivo e a prática:

**Quadro 1** – Planejamento das Atividades do Encontro

ENCONTROS	ROTEIRO	DATAS
Encontro Prévio: conhecendo o grupo	Objetivo: Conhecer os participantes Leitura: <i>Guilherme Augusto Araújo Fernandes</i> , Mem Fox	5 de dezembro
Encontro 1- Introdução à Cerâmica Fria	Objetivo: apresentar o projeto, introduzir a modelagem de cerâmica fria. Leitura: <i>O Alfaiate Desatento</i> , Regina Machado	14 de janeiro
Encontro 2 - Leitura e prática	Objetivo: Explorar como as emoções podem ser expressas através do trabalho manual. Prática: modelagem de um porta-retrato. Leitura: <i>Vazio</i> , Anna Llenas	21 de janeiro
Encontro 3 - Leitura e prática	Objetivo: Incentivar o compartilhamento de histórias de vida. Prática: acabamento das duas peças feitas anteriormente. Leitura: <i>O Lenço Branco</i> , Viorel Boldis.	28 de janeiro
Encontro 4 Leitura e prática	Objetivo: Incentivar a auto expressão por meio de leituras e da arte. Prática: Modelagem de peças que representem a ideia de "cuidado" ou "acolhimento". Leitura: <i>A menina, a vaca e o avô</i> , Luís Pimentel	4 de fevereiro
Encontro 5 Prática, leitura e exposição	Objetivo: Encerramento da oficina com exposição das peças criadas ao longo das semanas. Prática: Finalização de peças e organização para uma pequena exposição. Leitura: <i>A árvore generosa</i> , Shel Silverstein	11 de fevereiro

Fonte: elaboração própria.

Na sequência, relato os encontros e as emoções partilhadas.

### **Encontro 1**

O primeiro encontro, dia 5 de dezembro de 2024, foi marcado pelo tema da Memória que cerca também o tema dos próximos encontros. Dessa vez ele pode ser explorado através da leitura do livro “Guilherme Augusto Araújo Fernandes”, de Mem Fox.

O público-alvo para o projeto são mulheres idosas, entretanto nesse primeiro encontro em que realizamos apenas a apresentação do projeto, a leitura e uma

dinâmica, abordaram um grupo grande e predominantemente feminino. Os objetivos prévios eram introduzir o projeto e a pesquisa, assim como conhecer o grupo, aproximá-los da leitura e do material de trabalho, a cerâmica fria.

O espaço usado foi a biblioteca do CCVC, que iria ser revitalizada pelo projeto Vivendo Livros Latino Americanos no início do ano seguinte. A sala foi preparada com os materiais que iriam ser usados e apresentados: os livros, as ferramentas, as massas de cerâmica fria, os pincéis, tintas e algumas peças feitas por mim.

Quando os participantes entraram na sala, alegres, após sair da ginástica, foram lanchar de acordo com suas atividades regulares no conselho, e logo foram olhar o entorno, com olhares curiosos de quem não sabia o que estava por vir.

### **Fotografia 3**– Preparação da mesa com o livro, materiais e peças.



Fonte : O Autor, 2024.

Para dar início, me apresentei, e expliquei o intuito das atividades, perguntei se eles costumavam usar peças de cerâmica em casa; alguns disseram que não, outros que sim e que tinham filtro de barro, um artigo de cozinha muito simbólico em casas brasileiras. Após falar um pouco sobre os livros e a cerâmica, abordei o tema da leitura, eles se mostraram animados em ouvir, posteriormente propus uma breve discussão sobre a memória. Escolhi este tema, porque segundo Correa e Justos (2010, s/p):

Apropriar-se da memória ativamente e transmitir os legados culturais que ela

contém é reconstruir o passado, dar a ele a possibilidade de ser atualizado e narrado de uma forma diferente daquela contada nos livros. É também, agir no presente, transformá-lo mediante leituras baseadas em codificações retrospectivas. Mais ainda: é ter de volta o sentimento de pertença a uma história ou mesmo à própria sociedade, sentimento este que, muitas vezes, é expropriado dos mais velhos, justamente aqueles que, cada qual à sua maneira, tiveram participação significativa no processo de construção de uma sociedade. (CORREA, et al., JUSTOS, 2010, s/p)

Para sustentar minha hipótese, perguntei a eles o porquê de termos memória? A primeira resposta que recebi foi “se a gente não tem memória é perigoso. Podemos sair na rua e não saber voltar para casa.” Então eu perguntei, “mas e se a gente perde, o que acontece?” A mesma senhora respondeu depois de alguns segundos “a gente esquece nossa história”.

Alguns participantes se mostraram empolgados em responder nesse momento e falaram coisas ao mesmo tempo um para os outros, alguns comentaram sobre parentes que tiveram Alzheimer, outros sobre os familiares que já se foram. Quando uma delas contou sobre uma notícia de um caso de uma bailarina que teve Alzheimer e já debilitada, em cadeira de rodas, quando ouviu uma música começou a dançar, interpretando que ela tinha essa memória do passado.

Com isso, pude dialogar sobre aprendermos através dos sentidos, ou seja, quando ouvimos, cheiramos, olhamos, tocamos e quando falamos, e que por isso é importante que a gente se expresse, ressaltando que não só a fala é uma forma de expressão, mas quando produzimos algo artístico também, quando usamos nossa criatividade, que de acordo com Cortez (2024):

Quando expressamos uma ideia, trazemos as narrativas ao mundo pela linguagem, para nos relacionarmos com ela fora de nós. Quanto mais experimentações com materiais diferentes, maior riqueza na expressão das sensações. Dimensão, forma, cor, textura e qualidade da superfície da folha de papel são características fundamentais para a elaboração de respostas criativas. O diálogo entre a criança, a experiência vivida e o material se concretiza e se torna visível por meio da simbolização de um produto visual, sonoro, teatral etc. (CORTEZ, 2024, pág. 54)

O livro trabalhado nesse encontro: “Guilherme Augusto Araújo Fernandes” de Mem Fox nos conta a história do personagem Guilherme, uma criança que mora ao lado de um asilo e conhece todos os idosos que ali vivem e tem o costume de conversar com eles. Guilherme um dia descobre que uma das moradoras do asilo perdeu a memória e depois de questionar aos adultos o que essa palavra significava, decide procurar a

memória de Dona Antônia. Ao final ele encontra uma caixinha com alguns objetos pessoais dela e desperta na senhora várias lembranças.

Durante a leitura, eles participaram ativamente, comentando sobre as falas, as atitudes dos personagens, entre concordâncias e discordâncias com as definições de memórias que a narrativa trazia, algumas como quando Guilherme perguntou aos mais velhos “O que é memória?” e os personagens respondiam: “a memória é quente” não satisfez os participantes da leitura, enquanto “é de chorar”; “é alegre”, “vale ouro”, os idosos concordavam.

Ao final, falamos um pouco mais sobre as memórias deles mesmos, eles trouxeram memórias relacionadas a comida que a mãe fazia, uma delas comentou sobre uma mudança de casa aos 5 anos que foi marcante, pois até hoje ela se lembrava porque não gostou decorrente da experiência em sua nova casa, e apresentou uma fala bem simbólica que me tocou, relatando que desde que sua mãe disse que sua família iria se mudar de Minas ela não havia gostado. A casa em que se encontrava lhe agradava, segundo ela possuía um pomar, e sua mãe lhe deu “algumas coisinhas”, disse ela, para colocar na cabeça e levar numa trouxinha, ela demonstrou com a mão, e disse que se lembra disso até hoje.

Nesse momento, percebi que não via a hora para introduzir a leitura do livro “O Lenço Branco” de Viorel Boldis, que dá a oportunidade de discutir sobre esse êxodo rural, que pode gerar algumas identificações, ao pensar que moradores antigos da vila C vieram de outras cidades e estados para trabalhar na construção da Usina de Itaipu.

Após a leitura e breve diálogo, algumas senhoras se demonstraram cansadas e se retiraram, o que fez algumas se dispersarem, foi o momento em que introduzi a dinâmica, também relacionado ao tema da leitura.

**Fotografia 4** – Momento do jogo.



Fonte: Equipe da BIPI, 2024.

Na sequência, brincamos com um jogo de cartas que mostrava a origem dos ideogramas, um lado da carta tem uma imagem e um ideograma, de substantivo, adjetivos e verbos, do outro a palavra traduzida e algumas que se relacionavam com ela. A ideia é que eles tirassem do saquinho e mostrassem para os outros adivinhar, depois dizer se aquela palavra lembrava algum momento, memórias afetivas, para elas. Elas jogaram até certo momento e depois foi a hora de fazer a chamada para iniciar a próxima aula em que cinco idosas são alfabetizadas por uma outra participante do mesmo grupo de ginástica na sala integrada à biblioteca.

Durante o jogo, algumas cartas que foram tiradas eles tiveram dificuldade de associar a uma memória, como uma que continha na imagem uma paisagem em vermelho e branco, de um sol refletindo no mar, a palavra era “brilho” e ao se esforçar, a participante se lembrou que ela gosta da claridade, de acordar e abrir as cortinas e deixar sua casa iluminada para levantar, fazer café; outra que gerou dificuldade foi “carro”, mas a participante lembrou de seu fusquinha que tivera com a família e tanto gostava.

Quando uma das participantes tirou a carta da palavra “rede” e foi mostrando aos outros participantes a imagem de um homem com rede de pesca, um participante ao ver diz a sua esposa “essa é rede, se der uma dessa na mão da minha mulher ela já vai pescar uns peixes” de pronto associando a uma memória familiar que te trazia valor.

**Fotografia 5** – Cartas do jogo Caixa Mágica de Chinês de Sisi do Pula muralha (2019)



fonte: O Autor, 2025.

Finalizamos o encontro contando um pouco mais sobre a pesquisa e como ela se daria na próxima visita, que seria após mais de um mês devido ao recesso das atividades no conselho.

O clima acolhedor e colaborativo do grupo foi fundamental para o sucesso desse primeiro encontro. A troca de experiências e o apoio mútuo entre os participantes criaram um ambiente propício para o desenvolvimento de pontes de diálogo, permitindo que cada um se expressasse livremente sem julgamentos ou restrições. Eles participaram da leitura e compartilharam suas memórias entre o grupo, e esse foi um ótimo começo.

Ao final do encontro, saí cheia de ideias para dar continuidade ao meu projeto de pesquisa. A experiência foi enriquecedora em todos os sentidos, reafirmando minha paixão pela arte e pela literatura como formas poderosas de comunicação e transformação.

## **Encontro 2**

Na terça-feira do dia 14 de janeiro de 2025, retomamos os encontros do projeto *Encontro Literário: Mãos que moldam histórias*, no qual falamos novamente sobre os objetivos do projeto, assim como informamos sobre o papel do trabalho de conclusão de curso, sobre a universidade e um pouco sobre o curso de Mediação Cultural, com intuito de esclarecer a importância do papel das pesquisas ligadas a comunidade que são realizadas pela Universidade da Integração Latino Americana.

Depois, demos início a leitura de um texto de conto popular “O Alfaiate

desatento” registrado por Regina Machado, presente na coletânea de contos “A formiga Aurélia e outras formas de ver o mundo” (1998, Companhia das Letras).

Eu e a minha orientadora, iniciamos apresentando um slide com as informações que repassamos, contando um pouco sobre nossa experiência na universidade, dados sobre projeto, convidando-as a serem ativas na participação do projeto, estando cientes sobre a importância das pesquisas advindas da universidade. Ao finalizar esta etapa, conversamos um pouco sobre o último encontro, e aos poucos os participantes lembraram da história que havia sido contada pouco mais de um mês atrás.

### **Fotografia 6** – Apresentação sobre a UNILA e o Curso de MCAL.

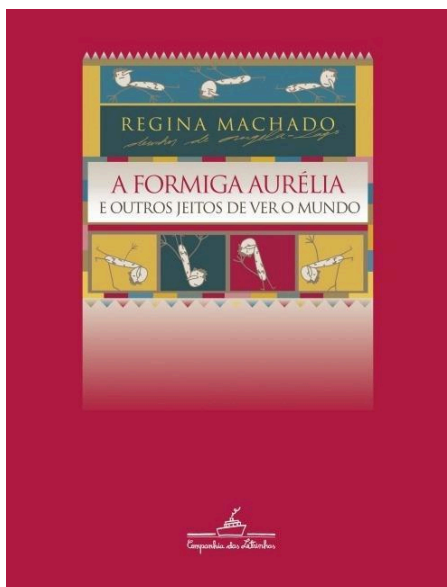


Fonte: Equipe do CCVC, 2025.

Durante a leitura do texto escolhido, as participantes se mantiveram atentas e, ao final, participaram ao interagir com a continuidade da história, a mediadora convidou os participantes a adivinhar o que o personagem protagonista faria com um dos elementos da história.

“O alfaiate desatento” conta a história de um profissional que passou sua vida em altos e baixos financeiros, isso, porque “não prestava atenção em algumas coisas”. Era um excelente alfaiate que conseguiu um tecido magnífico, mas sempre voltava a não se cuidar e mostrar-se desleixado. Ao final da leitura, foi explicado que este texto vinha de uma narrativa oral, que foi registrada pela autora Regina Machado, mas que pode tomar vários sentidos ao ser contada, tratando-se de uma narrativa que é viva.

### **Fotografia 7** – Livro “A Formiga Aurélia e outros jeitos de ver o mundo”



Fonte: Companhia das Letras, 1998.

A história possibilitou a identificação do grupo, tanto pelo protagonista ser um alfaiate, algo que era mais comum na época deles, assim como pela narrativa em si, que trouxe lembranças aos participantes, como no caso de uma senhora que compartilhou a memória de quando sua família perdeu uma casa também por questões financeiras, outra senhora já comentou a respeito da falta de observar o entorno e as nossas atitudes, já que o alfaiate sofria por não perceber onde estava errando.

Após a leitura, direcionamos os participantes a uma atividade para buscar um pouco da memória de suas infâncias e da fase adulta e fizemos uma atividade de desenho e escrita, chamada a “mão de ontem” e a “mão de hoje”. Neste exercício, cada uma deveria contornar suas mãos em cada lado da página. Em cada dedo escrever o que estava em suas mãos quando eram crianças e o que está em suas mãos hoje. Como este dia era o retorno do recesso, contamos com a participação de 18 idosas, menos da metade dos participantes do encontro anterior.

Cinco idosas não sabem ler e escrever, outras já não conseguem mais, então, com nossa ajuda puderam realizar as atividades, que todos participaram, alguns com menos palavras, outros com frases que nem cabiam nas mãos e desenhos. Por falta do nosso conhecimento até esse momento, consideramos uma falha na mediação em não considerar as pessoas não letradas.

Muitos dos participantes demonstraram origem em áreas rurais, suas infâncias eram divididas entre trabalhos e brincadeiras, subir em árvores, nadar em rio e trabalhar na roça; para a fase adulta, muitas trouxeram os afazeres de casa, o cuidado

com os filhos, mas também tivemos frases de autocuidado, a demonstração das atividades físicas que fazem no CCVC e a presença forte da religião.

### Fotografia 8 – Desenhos das mãos.



fonte: O Autor, 2025.

Nas fases da infância tivemos frases sobre as brincadeiras, sobre as lembranças da família o que elas gostavam de fazer, como: ir na casa da avó, brincar de boneca, de casinha, gostar da natureza, nadar em rio, subir em árvore, algumas falaram de estudar e outras que não puderam. Também tiveram frases como “fui feliz”.

Na fase adulta, elas falavam sobre o casamento, a mudança de cidade, os filhos, a igreja, viajar, fazer ginástica e aproveitar a vida. Alguns falaram sobre gostar de bordar, costurar, tricotar e dançar.

Eu percebi que elas trazem muitas memórias felizes de infância apesar de algumas dificuldades, enquanto a fase adulta foi mais marcada pelas mudanças, do casamento e do cotidiano para além do que elas gostam de fazer. Foram mais respostas direcionadas às ações: mudei, casei-me, tive filhos, fiquei viúva do que de percepção do que elas gostam dessa fase, ao contrário das lembranças de infância que eram marcadas pelas lembranças do que elas mais gostavam de aproveitar no cotidiano.



muito bem pelo fato de não ser rígido, o restante, são ferramentas mais fáceis de improvisar, com exceção das ferramentas circulares que ajudam a colar uma massa na outra, por sorte possuem algumas no kit de tamanhos diferentes, que supriu as necessidades da atividade.

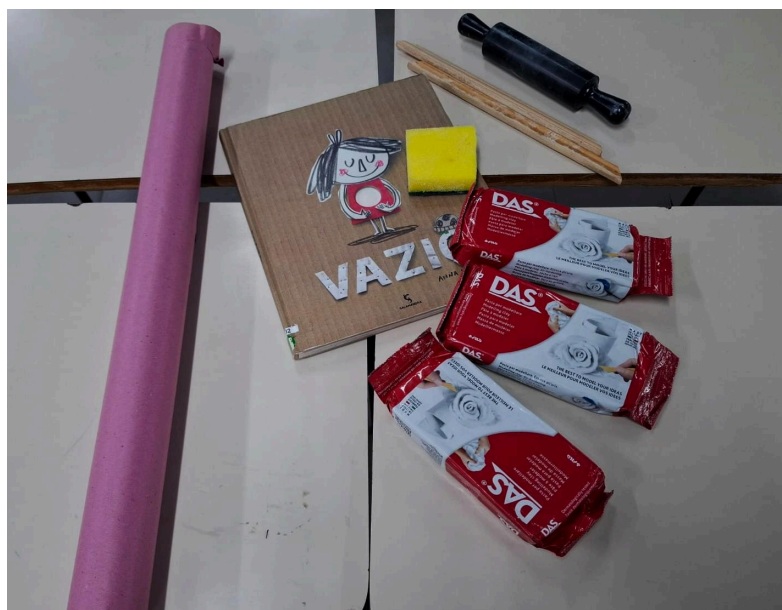
Mesmo com esses desafios, era interessante que elas dialogassem, compartilhassem durante a prática, então a falta não seria um empecilho, mas uma possibilidade de diálogo e organização entre o grupo, outro, o aprendizado de outras soluções criativas acessando o conhecimento que elas possuem, o que é importante para processos artísticos e terapêuticos. Reforçando aquilo que Soares (2018) descreve:

O diálogo, as relações familiares e interpessoais são deliberadamente essenciais para reformulação de ideias, pensamentos, para manter as lembranças vívidas. É acessando elas que pode-se formular resoluções, trabalhar de forma cognitiva, desenvolver laços afetivos com as recordações, aumentar a autoestima do idoso. Para a autora, “O grupo é visto como um suporte da memória e se nos identificamos com ele e fazemos nosso o seu passado. É preciso estar sempre trocando, comunicando e recebendo impressões de forma que as lembranças sejam preservadas.”(SOARES, 2018, pág. 52).

O livro trabalhado foi de grande importância em provocar diálogos relevantes sobre o cuidado e a saúde mental. Antes de iniciar a leitura comentamos sobre a atividade do encontro anterior, sobre o que elas escreveram, estimulando que elas falassem sobre o que escreveram. Para contextualizar a leitura, a mediadora contou sobre a biblioteca da Infância e Juventude Iguazuense que possui um grande acervo de livros infantil e juvenil, portanto, que aquele livro é de categoria infantil, e assim, surtiram olhares de questionamentos “Por que um livro infantil se somos idosos?”.

Expliquei sobre a autora ter se dedicado profissionalmente à ilustração de livros infantis que abordam temas psicológicos e terapêuticos. Esse livro conta a história de uma criança chamada Júlia, que se encontra emocionalmente triste e busca de várias formas tapar o vazio que sentia. Júlia supera essa tristeza após ouvir o conselho de olhar para dentro de si, ao invés de buscar em coisas obsoletas (relações vazias, exagerar na comida, animais etc.) algo que a completasse. Após se conhecer, ela consegue admirar o entorno, se comunicar melhor com as pessoas, superando aquele sentimento mesmo sabendo que um pouco dele ainda existiria, apesar que através dele, poderia novamente se reconhecer e superá-lo.

## Fotografia 10– Livro “Vazio”de Anna Ilenas



Fonte: Equipe Vivendo Livros, 2025.

Sabendo que a mediação literária é feita por um mediador, e que durante, é importante estabelecer diálogo entre os participantes para que os sentidos daquela obra seja explorado por quem a lê através da participação em grupo, algumas perguntas eram direcionadas a elas, como por exemplo: “o que elas dariam de conselho para a Júlia?” Uma das participantes de pronto respondeu “vir para ginástica do grupo bem estar”, outra respondeu “ela precisa de amigos”.

Para mim, essas duas respostas foram cruciais, visto que a atividade física de fato é muito benéfica a saúde mental, e a rede de apoio que se forma com o vínculo com outras pessoas, o poder compartilhar o sofrimento é muito importante no processo terapêutico, porque é quando nos expressamos que traduzimos o que está no nosso inconsciente, dessa forma podemos organizar os pensamentos e compreender melhor nossas emoções.

Observa-se que a arteterapia tem possibilitado aos usuários a vivência de suas dificuldades, conflitos, medos e angústias de um modo menos sofrido. Configura-se como um eficaz meio para canalizar, de maneira positiva, as variáveis do adoecimento mental em si, assim como os conflitos pessoais e com familiares. Nota-se que há uma minimização dos fatores negativos de ordem afetiva e emocional que naturalmente surgem com a doença, tais como: angústia, estresse, medo, agressividade, isolamento social, apatia, entre outros.(COQUEIRO, et al., 2010 ,pág.862

Outra pergunta que lancei foi se elas já haviam se sentido assim, e como esperado, elas sim haviam e compartilharam um pouco das suas experiências pessoais, e uma seguida da outra resolviam falar, se acolhiam entre elas. Algumas ali moram próximas ou são amigas, então demonstraram estar à vontade para se abrir. O que elas disseram contam muito sobre a vivência das mulheres nesses espaços, uma delas nos trouxe que está se recuperando desde a pandemia, quando desenvolveu depressão grave, na qual não tinha ânimo para fazer nada, uma de suas frases foi “eu só cozinhava porque meu marido vinha almoçar em casa, porque nem isso eu queria fazer”. Ela falou sobre seus filhos, que nesse contexto, apenas duas pessoas da família trabalhavam, para que corresse menos riscos de contrair o vírus da covid 19. Ela sempre foi dona de casa e participava de atividades na igreja, ajudando de forma voluntária. Ela também comenta sobre depender do marido e ouvir dos filhos que ela devia pensar mais nela, porque fazia muito pelos outros e pouco por ela mesma. Depois que se encontrou doente, ela passou a reconhecer que era importante se cuidar, e demonstrou que uma de suas ferramentas para o autocuidado é frequentar o grupo de ginástica, assim como é para outras delas que estão ali. Isso porque são acolhidas, então podemos entender que esse espaço e estar entre amigos é de grande valor no dia a dia delas. Sobre os grupos sociais e sua importância na manutenção das memórias, Streck (1999) fala:

Da mesma forma que é o grupo ao qual pertencemos que nos incita a lembrar, é ele também que dá um sentido a essa lembrança. Um fato que acontece de forma isolada sem que haja alguma testemunha a relembra-lo, a dar-lhe um certo sentido, uma certa significação, torna-se uma espécie de imagem fugidia, como numa fantasia ou num sonho (STRECK, 1999, pág.109)

Outra participante também compartilhou de suas dores, creio que ali, elas se viram em um espaço confiável para falar e serem ouvidas. A participante, com pressa em resumir sua vida, trazendo muitos fatores que a deixava aflita naquele momento, nos relatou em vários pontos da sua fala a sobrecarga que permeia a vida de muitas mulheres. Ela contou sobre ter tido que criar os filhos sozinha, não teve tempo para estudar, porque entre as suas tarefas e seus filhos, sua filha com 12 anos engravidou, e tanto antes quanto agora, ela ajuda a criar seus netos. E assim como a participante anterior explicitamente disse, ela havia passado uma vida dedicada aos filhos e à igreja, sem fazer coisas por si.

Na vivência dessas mulheres, é possível observar que o cuidado abrange muito mais o redor, a família, os filhos, do que a si mesma, até o ponto que elas se encontram precisando também de ajuda, também de cuidado, tornando insustentável a manutenção desse grande pilar de uma família, que é a “tarefa” da mãe, dona de casa, que atende as necessidades da família e carrega com si uma gama de preocupações com filhos, netos e com o marido. Além desse cuidado familiar e doméstico, hoje procuram atender aos próprios cuidados a saúde física, mental e a própria autoestima da mulher.

Por meio desses diálogos, consegui algo que mais era valioso para mim, que era vê-las seguras de falar entre o grupo, dando mais sentido a minha pesquisa, e isso também me fez sentir mais segura com elas, porque até este momento, em mim havia muito medo, por não conhecê-las, por ter trabalhado pouco com esse público e muito com o infantil, a falta de experiência, meu contexto de ser jovem e parecer ser ainda mais pela estatura, não projetar tanto a voz, às vezes ouvir um “fala mais alto” que interrompe um pensamento, uma frase, me fazendo pensar “estou conseguindo ser clara?”, “minha mensagem chega até elas?”.

Nesse momento de partilha, vi que sim, estava fluindo um vínculo, que me deixou também acolhida por elas, acredito que esse foi um passo importante para as próximas leituras e que para elas, ficou mais claro que o que elas dizem há grande valor, porque elas trazem com elas muitos saberes através das suas experiências individuais que ao compartilhar com o grupo as torna ainda mais próximas, podendo se ouvir e ouvir também as histórias de outras mulheres.

Por fim, essa leitura superou suas expectativas, mesmo sendo uma literatura infantil, um livro-álbum (gênero da literatura infantil)<sup>1</sup>, que trazia uma preocupação no quesito de ser interessante para eles e que fosse visível e compreensível, com a turma grande e num círculo fechado, foi mais complexo acompanhar a ilustração, com a possibilidade de um projetor e em meia lua, seria melhor para acompanhar a leitura, mesmo sendo importante ter o livro em mãos, para uma melhor experiência.

Entendi que a narrativa é coerente com a vida adulta e ela traz os principais passos para a saúde mental, que é o autoconhecimento, é olhar para dentro e sentir-se presente, quando isso acontece, Júlia consegue ver as cores, consegue se

---

<sup>1</sup> Um livro-álbum é uma obra que une ilustração e texto para a construção da narrativa. A história pode ser contada principalmente pelas imagens, com o texto muitas vezes sendo breve, que embora primariamente voltados para crianças, os livros-álbum também podem ser apreciados por adultos, abordando temas diversos.

comunicar melhor e entender isso ou receber ajuda psicológica nem sempre é uma possibilidade, eu vi que ali muitas estão descobrindo esse caminho e se identificaram com a leitura.

**Fotografia 11** – Momento da Leitura de “Vazio” Anna LLenas.



Fonte: Equipe Vivendo Livros, 2025.

Demos início à prática, separando-as em três grupos conduzidas às mesas com os materiais, a instrução foi para que elas fizessem um porta retrato para presentear elas mesmas, dessa forma poderiam moldar pensando no que elas gostariam de receber, o que tem a ver com elas. Elas abriram as massas, dividiram e começaram a trabalhar, eu passava por cada mesa explicando sobre as ferramentas e algumas ideias básicas de como poderiam começar, também dei um molde com o tamanho da foto, daquele tamanho mais comum de se revelar 18x13cm. Algumas respeitaram o tamanho, outras não; algumas tiveram mais facilidades e ajudavam as outras que estavam com dificuldades; a maioria das mesas saía com peças parecidas, e mesmo algumas em mesas diferentes, que não tiveram contato, acharam soluções parecidas com ferramentas parecidas para moldar suas peças; num geral, todas conseguiram realizar a atividade, elas se ajudaram e também estavam presentes alguns agentes sociais do CCVC que apoiaram os grupos durante a modelagem, demonstrando um laço forte entre elas.

**Fotografia 12**– Modelagem do Porta-retrato



Fonte: Equipe Vivendo Livros, 2025.

As peças ainda estão em andamento, ficarão guardadas para secar, ainda falta lixar, pintar e envernizar que será feito daqui dois encontros. Apesar disso, já vemos que algumas são delicadas e outras cheias de texturas, que podem muito dizer sobre cada uma delas, que será visitada a partir de perguntas no próximo encontro.

### **Fotografia 13**– Modelagem do Porta-retrato pela participante



Fonte: Equipe Vivendo Livros, 2025.

Já que ao finalizar as peças estava passando o tempo do encontro, algumas ficaram para ajudar a guardar os materiais, outras se despediram e foram

embora. Todas com muitos olhares de agradecimento, verbalizações e carinhos na despedida.

De fato, ali me encontrei ainda mais feliz e contente, ao ver as peças para encaminhar para a sala onde ficaram para secar, meu medo mais uma vez foi embora ao ver como elas desenvolveram as peças. Ainda tenho um pouco de receio, porque a falta de experiência e a dificuldade de estar com cada uma no momento de fazer, pode gerar algumas rachaduras ou quebras, que para mim, fazem parte do processo. Nas práticas não estamos buscando perfeição nem certezas, se acontecer de alguma quebrar, é algo que vamos conversar e achar as soluções que forem possíveis, assim como fazemos com os problemas que nos aparecem ao longo da vida e sempre existirão. Da mesma forma que na prática artística temos de entender onde está o problema para ter possibilidade e repertório para achar soluções, é essencial num processo terapêutico o mesmo movimento de investigação.

O estímulo da criatividade através da prática artística e da leitura podem contribuir com esse processo de forma positiva, ao analisarmos o referencial teórico e por vê-lo na prática, os diálogos que surgiram, a satisfação e a dedicação na prática sendo visíveis.

Quando se finalizou, a assistente social que acompanhava o encontro disse a minha orientadora como estava sendo importante o projeto, porque não as via compartilhando suas histórias dessa forma e via elas se apoiarem, concretizando ainda mais o que eu sentia naquele dia.

#### ***Encontro 4***

Neste encontro, no dia 28 de janeiro formulamos a ordem das atividades de uma maneira diferente: demos início a prática antes da leitura do livro com o intuito de que conseguíssemos conversar com elas enquanto lixaram as peças do encontro anterior, para que pudéssemos entender um pouco mais como elas se sentiram durante a prática e de que forma aqueles porta-retratos falavam sobre elas, tendo em vista que o objetivo é que aquela modelagem fosse um presente a si mesmas e que tivesse a ver com elas, com o que elas gostam.

Enquanto acontecia o acabamento das peças, pude perceber que elas estavam tratando com muito carinho seus porta-retratos, como esperado, alguns ficaram sensíveis ao secar, racharam e até quebraram. Então primeiramente, algumas foram colar

as peças. As demais, já estavam de máscara lixando suas peças.

Também havia um grupo que não estava presente no último encontro, então enquanto as outras davam acabamento, elas foram dar início a proposta do último encontro.

Após essa etapa, as participantes foram pintar as peças lixadas e então dividimos as tintas entre as mesas, os pincéis, copos com água. Assim elas deram ainda mais personalidade para as obras.

#### **Fotografia 14** – Participantes preenchendo os porta-retratos com fotos.



Fonte: Equipe Vivendo Livros, 2025

Vimos que algumas davam bastante significado para a peça. Me lembro de uma senhora que na atividade de escrever nos desenhos da mão, disse que amava a natureza e uma das peças que vi era a margem do porta retrato com um fundo verde e por cima foi batido os pincéis com tinta amarela, remetendo um campo verde com flores; outra, estava buscando por cor rosa e como não tinha, uma das assistentes sociais do conselho começou a misturar o vermelho no branco, formando tinta rosa. Ela, sem muita experiência, ficou impressionada porque pensou que não daria certo ou que não deveria fazer isso. Ao longo do processo, vimos diferentes modelos que transmitiam um pouquinho de cada uma entre texturas, cores e figuras. Além disso, algumas se arriscaram mais ou já tinham mais experiência com massas de modelar.

A conversa durante a prática com a cerâmica foi mais complicada do que imaginamos, porque, além de elas estarem focadas no que estavam fazendo com as mãos, as idosas buscavam pelos materiais que precisavam de forma muito concentrada. Queriam cumprir a proposta da melhor maneira possível, quase como um desafio. Assim, fomos auxiliando ao fazer a dinâmica das trocas de tintas, pincéis e copos de água para que elas pudessem dar continuidade ao trabalho.

Apesar disso, dialogamos em alguns momentos e algumas relataram não gostar de tirar fotos; ao perguntar para uma das mesas onde estavam quatro senhoras, se elas gostaram de realizar a atividade, se mostraram contentes em dizer que gostaram. Uma delas me disse que procurou a cerâmica fria na cidade e não encontrou, expliquei que comprei pela internet porque ainda não se encontra muito no comércio da região, é um material que tem ganhado visibilidade atualmente; duas delas comentaram que trabalhavam com biscuit, mas que já não praticavam tanto quanto antes. A mais nova entre elas, estava realmente desanimada em criar ou manusear qualquer tipo de coisa. A mais velha, entretanto, relatava que gostava de costura, crochê e ponto cruz, mas agora estava fazendo bordado em máquina. Em seguida, ela se direcionou à colega e questionou se ela ainda tinha um molde de uma boneca de crochê que as duas já haviam compartilhado. A amiga indicou que não e a outra respondeu “então vou perguntar para as minhas amigas se alguma delas ainda têm, que aí eu pego para gente fazer”. Achei cativante da parte dela, e fiquei feliz vendo aquele convívio em que uma apoia e incentiva a outra, e como é importante que haja espaço para elas se encontrarem. Percebi então, que o CCVC cumpre a tarefa de ser um ambiente comunitário que fortalece os laços dos moradores da Vila C.

Depois da prática, nós as direcionamos para as cadeiras e a mediadora fez a leitura da história “O Lenço Branco” do autor Viorel Boldis que conta a história de uma família de área rural na Transilvânia. Narra a vida de uma criança e seus pais.

**Fotografia 15** – Livro “O Lenço Branco” de Viorel boldis



Fonte: Pequena Zahar; 1ª edição , 2014

O livro demonstra um conflito entre filho e pai, a figura paterna é definida como um “general” e a mãe é uma pacificadora entre eles. Após discussões, o filho quando criança se retirava de casa, e sua mãe para avisar que as coisas se acalmaram, indicava que ele poderia retornar deixando na janela um lenço branco. Depois de sair de casa e passar 2 anos longe, já quando adulto, o protagonista manda uma carta avisando que voltaria, se eles os aceitassem de volta, era para a mãe pendurar o lenço branco como fazia antes e assim ele saberia que poderia voltar. Ao retornar ele se surpreende ao encontrar sua casa coberta por um lenço branco.

Essa leitura pode causar diversas experiências ao leitor, quando lida anteriormente na BIJI com as turmas de EJA do Colégio Estadual Paulo Freire, os estudantes tanto se colocaram no lugar do filho quanto do pai. No caso dessa leitura, as idosas se colocaram bastante compadecidas com a história do filho, dizendo que o pai havia sido ruim; “realmente general”. Uma delas trouxe sua experiência, afirmando que seu pai havia sido duro, mas que foi muito bom para ela também. Essa é uma dualidade muito comum quando observamos o contexto dos mais velhos, sempre ouvimos histórias de violência verbal e física disfarçadas de cuidado e necessidade de autoridade. Na infância destas mulheres era comum as crianças trabalharem, ouvimos muito sobre o trabalho infantil na roça, pois nessa época não havia leis rigorosas com a proteção das crianças e o trabalho era uma demonstração de “boa educação”, de preparação para a vida. Quando a criança frequentava a escola também vivia contextos de castigo e violência física. Sobre o trabalho infantil no meio rural, Streck (1999) aponta que:

Por outro lado, quando se trata de um ambiente rural, as atividades consideradas trabalho se inserem tanto na vida da criança, como na vida dos adultos que a cercam, independente do nível sócio-econômico. Geralmente realizado pelos homens, o trabalho no mundo rural envolve toda a família em algum nível, devido à forma como a vida é estruturada neste meio. O trabalho no campo é presença constante nos relatos dos sujeitos que experienciaram a vida nesse contexto, sendo visto como uma obrigação, já que é necessário para a sobrevivência. (STRECK, 1999, pág.144)

Enquanto no caso das mulheres, o trabalho infantil no meio rural além como em outros espaços que são associados ao trabalho doméstico, também incluem a participação no trabalho rural, Streck (1999) defende:

Em se tratando do mundo rural, a figura da mulher aparece tanto ligada ao trabalho doméstico quanto às atividades do campo na plantação e na lida com as criações de animais - ainda que essas ocupações sejam consideradas como trabalho de homem. (STRECK,199, pág. 117)

O mesmo não acontece com os homens, revelando a dupla jornada que o sujeito mulher tem sobre exigência.

### **Encontro 5**

No penúltimo encontro desta pesquisa, dia 4 de fevereiro, fizemos a leitura do livro “A menina, a vaca e o avô” de Luís Pimentel e modelamos a última peça dos encontros.

**Fotografia 16** - Livro “A menina a Vaca e o avô” de Luís Pimentel.



Fonte: Editora Maralto, 2020.

Quando cheguei na sala, as mesas e cadeiras estavam organizadas tal qual a última semana; cadeiras em meia lua para a leitura e as mesas de quatro lugares ao lado, então somente deixamos prontos os materiais em suas mesas e fomos arrumar o projetor. Dada a dificuldade de um grupo numeroso em ler as imagens do livro, decidimos que iríamos projetá-lo na parede, mas infelizmente não pode ser realizado porque a tomada do espaço não estava funcionando para conectar o computador.

Dessa forma, seguimos diretamente para a leitura do livro citado anteriormente. “A menina, a vaca e o avô” é mais um livro de literatura infantil do acervo da BIJI, ele conta a história de uma menina que aos 7 anos ganha de seu avô uma vaca. Como ela morava na cidade e a vaca ficava no sítio, a menina que antes visitava o avô somente nas férias da escola, passa a ir todo fim de semana. A protagonista passeava e brincava com a vaca e o avô, até que a vaca cresce, seu avô faleceu e em seguida a vaca também. A personagem aprende que nem a felicidade, nem a dor dura para sempre.

Nesse livro, é possível observar como o tempo narra a história, ele ressalta as idades e as diferentes gerações: A criança, a mãe, o avô e a vaca. O autor cita as fases da vida de uma vaca (novilha, novilha-mocinha, vaca adulta), como metade das participantes passaram pelo menos a infância em área rural, perguntei a elas se também davam esses nomes as fases da vida de uma vaca, de pronto elas responderam que sim, chamavam da mesma maneira.

Desde minha perspectiva, a vaca sendo um presente simbólico de seu avô, permitiram que eles tivessem mais momentos juntos tendo em vista que a mãe da menina decide morar na cidade. Esse é um movimento experienciado por muitas famílias brasileiras, em que alguns entes ainda permanecem nos mesmos lugares, normalmente os mais velhos, como no caso da história. O presente de seu avô permitiu que a criança pudesse conhecer um pouco mais de sua família, que no nosso imaginário, muitos conhecimentos podem ser agregados na vida das crianças através dessa relação entre a família e o espaço rural, valorizando tradições culturais, muitas vezes orais, linguísticas e musicais que nasceram nesses contextos.

O que podemos observar de identificação nessa leitura, foi como as idosas relataram sobre a saudade que tem dos netos ou como tentam participar da vida deles, enquanto algumas ajudam a cuidar, outras moram longe ou não conseguem participar muito da vida dos netos e o quanto se dedicam a fazer coisas por eles. Quando

a mediadora perguntou se elas gostavam mais de ser mãe ou avó, a maioria respondeu “avó”. Além da saudade dos netos, o primeiro comentário após a leitura foi de uma senhora que disse ter gostado do livro porque ela lembrava de quando era criança e ainda morava na roça, que também encontrava suas primas para ir ver as vacas, dizendo que ficavam lá até que sua mãe chamasse de volta. Muitas vezes elas compartilharam desses momentos de nostalgia da infância vivida na roça, que apesar de sofrida, elas gostavam muito. Em diversas atividades as memórias dessa época foram resgatadas por elas, com certeza são coisas que como o avô da história, elas também gostariam de compartilhar com seus netos, o que para mim é muito importante desse contato, que não só é de se agregar na vida de um neto, como na dos avós. Quando podem compartilhar com os filhos, netos, amigos suas histórias e seus conhecimentos, se sentem valorizados por suas memórias que são carregadas de muitas narrativas que somente vamos ter acesso através do diálogo:

Ao recordarmos os conteúdos que estão guardados em nossa memória, nos é possibilitado reafirmar a sua existência, mas também é possível reconhecemos a nós mesmos através das transformações vividas com a passagem do tempo. É segundo o julgamento atual que fazemos dos fatos passados que podemos reformular a ideia que temos de nós mesmos, contribuindo, dessa forma, para a constituição da nossa identidade. (STRECK, 1999, pág. 109)

Após essa importante leitura, fomos à prática. Demos início explicando a atividade enquanto eles ainda estavam na cadeira, que consistia em eles desenvolverem uma peça que tivesse o significado “acolhimento”. A intenção, é que eles se lembrassem de coisas simbólicas que em algum momento da vida eles encontraram apoio, carinho e acolhimento, como acontece com a menina na história.

Havia levado algumas peças para que servissem de inspiração para eles nas possibilidades de formas, por exemplo: ao invés de esticar a massa, fazer algo tridimensional, como a peça do patinho.

### **Fotografia 17 - Peças Tridimensionais**



Fonte: O Autor, 2025

**Fotografia 18** – Peças tridimensionais e não tridimensionais das participantes.



Fonte: O autor, 2025

Dessa vez, queria que elas pudessem experimentar mais as ferramentas, por isso optei por deixar na mesa só os palitos de churrasco e tesoura para abrir a embalagem, para que elas fossem olhar as peças e escolher as ferramentas que servissem para o que gostariam de fazer. Entretanto, mesmo avisando, elas não se direcionaram às mesas, acabei levando algumas peças para elas, mostrando e levando ferramentas.

Tivemos peças diferentes da última prática, onde todas faziam o mesmo modelo de objeto. Nesta muitas desenharam animais, talvez pela leitura e pelos exemplos de peças que consistiam em sapos, vaquinha e patinho que eu havia levado. O resultado foram peças desses animais como: cachorro, galinha e pássaro.

Além desses, tiveram outras figuras como estrelas, mais um porta-retrato, uma delas fez o avô da história, alegando que estava sem inspiração, um pouco que fiquei ali e conversei com ela, estava exclamando que não estava bem, a labirintite estava a incomodando porque segundo ela, não estava bem emocionalmente. Estava passando por problemas familiares, envolvendo os cuidados de sua mãe de 94 anos, que ela cuida, sendo já uma idosa. Esta mesma senhora na última aula, exclamava de já não criar tanto quanto antes. Também teve estrela e coração, que a autora me relatou que irá agregar na próxima aula mais significados a ele, quando trará mais elementos que possuem em casa para finalizar a peça.

A dedicação que algumas ali tem me cativa e cativam as suas colegas a darem seus significados a peça também, o que pra mim é muito importante para se haja uma intenção para a atividade, nas quais elas mesmas vão trazer significado desde uma memória delas, desde a maneira em que elas se sentem no dia, desde o que aquela história pode ter acessado nelas a partir de uma interpretação que puderam ter. E quando elas estão criando, é também um processo a ser ouvido por elas e que podem ser induzidos por perguntas de um mediador. Além de se dedicarem e depois poder contar uma história de por que aquilo significa para elas. É importante investigar o processo criativo “o que a figura escolhida significa?” ou “por que isso não saiu como o planejado?”

Pelo fato de o presente interferir na criação de cada uma, às vezes a mesma atividade proposta em outro dia seria produzida outra figura por uma das participantes. São nesses momentos que a linguagem artística pode nos fazer entender como estamos nos sentindo, como estamos sendo afetados pelos problemas externos, podemos organizar os pensamentos, explorá-los, verbalizá-los ou somente externalizá-los.

Por isso, é importante que a prática tenha uma proposta inicial, para que dê a eles um sentido e que seja questionada durante a ação, depois de pronta, por exemplo: “porque escolheu fazer tal coisa?”; “Como está se sentindo durante a prática?”; “Tá difícil?”. Dando abertura a eles para questionarem a si mesmos e compartilhar.

Como dito anteriormente, tenho notado a importância de as participantes estarem próximas e praticarem atividade física assim como ali, prestigiando e participando das leituras e das práticas artísticas. Além do CCVC ser um lugar onde elas movem o corpo, que faz muito bem a saúde física e mental, terem um convívio, terem a oportunidade de aprender a ler e escrever, e estar participando desses encontros, onde

observo elas compartilharem suas histórias, se abrirem tanto com relatos felizes, bonitos, também com as dores, as saudades e as dificuldades, que ambas fazem parte da vida e é importante de sabermos lidar com nossas emoções e também ter a quem se apoiar nos momentos necessários, com quem compartilhar os bons momentos. Esse lugar estabelece dinâmicas de amizades, e a pesquisa tem se tornado mais um lugar de convívio para elas, onde leem e discutem sobre questões que elas conhecem a partir de histórias diferentes e que também colocam a mente para criar e se expressarem, dando voz aos seus sentimentos, pensamentos e lembranças enquanto criam ainda mais experiências em coletivo.

### ***Encontro 6***

Chegamos então ao último encontro deste projeto no dia 11/02, este dia se demonstrou muito especial diante os ocorridos durante as atividades. Além da nossa prática de finalização das peças e da leitura, tivemos a exposição que se associou à inauguração da Biblioteca para a Integração (BIPI) que surgiu através do projeto Vivendo Livros com o objetivo de revitalizar a antiga biblioteca do CCVC. Como fiz parte desse projeto durante dois anos e quatro meses da minha graduação, foi muito significativo para mim a finalização das práticas de mediação de leitura junto ao início dos trabalhos dentro do conselho comunitário, que reuniu toda a equipe do Vivendo Livros junto os participantes dos encontros e alguns funcionários do CCVC.

### **Fotografia 19 – Confraternização de Inauguração da BIPI**



Fonte: Equipe Vivendo Livros, 2025.

Para organizar todas as demandas desse último encontro, a preparação do espaço se deu no dia anterior, porque neste caso, ampliamos o espaço das atividades para além da sala de ballet que foi usada nos encontros anteriores. Utilizamos três espaços: a sala de ballet; o espaço de fora entre a biblioteca; e a biblioteca. A sala de ballet ficou destinada à metade da turma, que iria lixar e pintar as peças; o espaço entre, onde estavam dispostas as mesas para exposição; a biblioteca para a outra metade da turma que acompanharia a leitura. No dia anterior, fui preparar as salas, como os espaços são de uso comum entre outras atividades do conselho, não poderia deixar tudo como precisava para o dia seguinte, mas a tentativa era deixar o máximo esquematizado.

A sala da biblioteca é integrada com uma sala de aula que fica ao fundo, ou seja, para entrar nela é preciso entrar pela biblioteca, e para separar os ambientes a equipe do Vivendo Livros optou por uma cortina branca durante a reforma que foi realizada por nós. A leitura foi preparada para ser feita de frente pra ela, então colocamos 15 cadeiras. Para ambientar a história, da outra sala instalamos um projetor que serviu para iluminar a sala com um fundo verde e na frente dele, colocamos uma planta para criar a sombra.

**Fotografia 20**– Ambientação da Leitura do livro “A Árvore Generosa” de Shel Silverstein



Fonte: Equipe Vivendo Livros, 2025

Para dar mais sentidos à experiência, colocamos de fundo um som de

floresta, com o som dos pássaros, vento e água. E para simbolizar ainda mais a leitura e a finalização dos encontros, assim como um momento para elas deixarem para uma simples criação fluir de forma calma, fiz uma árvore em um papel com vários espaços em sua copa para que elas desenhasssem na parede com os marcadores desenhos que remetesse a generosidade.

### **Fotografia 21**– Intervenção na árvore generosa



Fonte: Equipe Vivendo Livros, 2025

Explicado o decorrer das ações, na terça feira chegamos mais cedo para terminar os preparativos. Quando as idosas chegaram na sala de ballet, foram fazer seus lanches como de costume e depois se sentaram nas mesas que estavam dispostas uma do lado da outra, porque percebi no último encontro que alguns grupos preferiam assim, então foram sete mesas: três lado a lado em uma fileira e mais três do outro lado, uma no meio com os materiais.

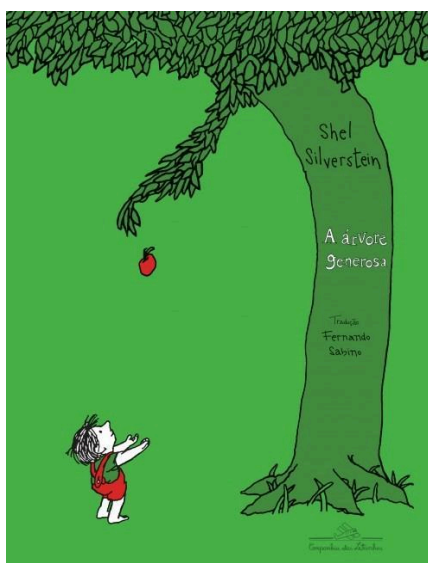
### **Fotografia 22** – Pintura das peças



Fonte: O autor, 2025.

Mantive o grupo que chegou e se sentou de pronto nas mesas e as ocuparam, dei as instruções de como seria a sequência das atividades e o outro grupo foi à biblioteca ouvir a leitura do livro “A Árvore Generosa” de Shel Silverstein.

### **Fotografia 23** - Livro “A Árvore Generosa” de Shel Silverstein



Fonte: Companhia das Letras, 2017.

Além da leitura, esse grupo desenhou e partiu o bolo da Inauguração da Biblioteca e a equipe do projeto me ajudou gravando os relatos da leitura. Enquanto isso, na outra sala a gente coordenava a finalização das peças. Depois, trocaram de salas e ao decorrer da finalização da pintura a gente colocava as novas peças nas mesas, junto àquelas dos encontros anteriores.

## Fotografia 24 - Exposição das peças



Fonte: Equipe Vivendo Livros, 2025

A Leitura preparada para o encerramento foi o livro “A Árvore Generosa” de Shel Silverstein, ele conta a história da relação de um homem com uma árvore que acompanha sua infância até sua velhice. Na narrativa, a árvore sempre proporciona algo ao menino, ao adulto e ao velho, mas ele parece não ser grato a ela, pelo menos via assim quando lia para mim mesma, até ouvir as interpretações das participantes. De um lado, algumas se posicionaram da mesma forma que eu, acharam que o personagem havia sido egoísta com a árvore, mas na segunda leitura, uma das senhoras fez uma comparação interessante desde se colocar no lugar da árvore, que se esforça em fazer as coisas pelo menino assim como ela que é avó e no final ela é o toquinho que os netos se sentam, depois de ela já ter feito muito pelos filhos e pelos netos. E acredito que de uma forma boa, na crença que bem criou seus frutos que pode se doar para eles.

E, em geral, quando a mediadora perguntou “O que vocês sentiram com essa leitura?”, elas trouxeram muito das suas lembranças de infância e de como eles se relacionam com essa memória da área rural, eles saúdam muito suas vivências, em vários encontros elas demonstraram essa relação com a natureza, debaixo de árvore ou em cima delas, elas contam muitas brincadeiras e lembram de árvores específicas e que em algum momento puderam retornar a esse lugar, porque de fato foram marcantes nas memórias de um lugar de acolhimento, de uma casa que já moraram, de uma sombra no

meio de um caminho que sempre faziam.

Essa leitura em específico tocou forte nelas em questão de memórias afetivas que proporcionaram muito envolvimento na história, mais do que eu podia esperar desse livro, me tirou do lugar em que eu interpretava essa história através das falas das participantes. Percebi que a interpretação de algumas, tinham mais relação com o comentário de Mia Couto que contém no livro, em que ela fala sobre um traço da sua cultura que diz sobre “Ser árvore”:

Na minha terra, que se chama Moçambique, existem culturas em que não há fronteira entre uma árvore e uma pessoa. Isto é: um homem (ou uma mulher) pode ser árvore enquanto dorme. No sentido inverso, há árvores que são humanas e que sonham dentro dos nossos sonhos, há árvores que são sagradas, à sombra das quais se enterram os mortos. O verbo que se usa não é “enterrar”. É “semear” (COUTO Mia, 2017, s/p)

Entretanto, quando ouço o relato dessa avó que se compara a árvore ou dos outros participantes que tinham na sua memória alguma árvore como símbolo, percebi como essa tradição que Mia Couto trás é vivenciada por essas pessoas.

### Encaminhamentos

Para sistematizar e analisar as respostas das participantes durante os encontros, apresento a tabela de análise das respostas:

**Tabela 1 – Análise de Respostas.**

<b>Categorias de análise</b>	<b>Respostas coletadas</b>
Memórias da infância	As brincadeiras da infância de nadar em rio subir em árvore; o trabalho infantil rural; as memórias de mudança; o casamento e os filhos; a relação com os pais; a liberdade do campo; o respeito aos pais, as obrigações com o trabalho. <i>Elas relatam pouco sobre a escola, é um ponto quase ausente.</i>
Demandas de hoje	O cuidado do lar, dos filhos, dos netos e dos mais velhos; a saudade dos netos; a sobrecarga; a viuvez e a saudade dos entes; as dores físicas, os problemas emocionais; as idas ao médico etc.
Perspectivas de futuro e soluções	O autocuidado; a relação com a família e amigos; planejamentos de viagens e aproveitar a vida; a busca pela atividade física; partilhar com amigos;

	estabilidade econômica; filhos encaminhados na vida etc.
--	--

Fonte: O autor, 2025.

Ao longo dos encontros a literatura promoveu muitos diálogos em torno das memórias de infância, as demandas atuais e as perspectivas que elas têm dessa fase da vida. Pelos relatos compartilhados, as memórias da infância estiveram cercadas da lembrança do local de origem, do trabalho infantil na roça e das mudanças que atravessaram a vida delas. Normalmente essas mudanças eram associadas ao casamento ou à migração de suas famílias. A passagem da criança para a adulta é marcada pelo casamento e pela gravidez, onde aparece a figura da mulher dona de casa e que muitas vezes não pode se dedicar ao estudo ou a um trabalho que desse a elas a independência.

Entendendo que a construção individual do sujeito se deve ao convívio social e cultural, podemos compreender que as mulheres que viveram à essa época, se criaram a partir da perspectiva da figura materna. Nos encontros, foi observado que as participantes se associam a essa figura do cuidado e da maternidade que muitas vezes leva a sobrecarga física e mental da mulher. Quando pensamos então no processo biológico de envelhecimento feminino, as mudanças hormonais agregadas a esses fatores de sobrecarga podem levar a doenças como depressão. Sobre essa construção de identidade maternal Márcia Jorge, relaciona:

Os estudiosos do gênero (Gilligan, 1982; Rocha-Coutinho, 1994; Besse, 1999) fundamentaram nossa pesquisa e observação de que o convívio maior da menina com sua mãe proporciona a ela modelos para identificação mais significativa e mais intensa com mulheres em seus papéis femininos, principalmente de “maternação”. Esses modelos, que são construídos histórica e culturalmente, é o que chamamos de referência identificatória, ou seja, modelos mais comumente aceitos e valorizados pela sociedade. (JORGE, 2005, s.n)

A construção da identidade feminina da atual geração de idosas foi marcada pela forte presença de um domínio sobre as mulheres, elas tiveram seus desejos reprimidos e eram responsabilizadas pelos afazeres domésticos e o cuidado familiar, enquanto também eram vistas como objeto de desejo masculino. Nesse sentido, a mulher se constrói como objeto submisso ao homem quando a criança assume esses papéis de identidade de gênero que foram reproduzidos socialmente, por exemplo: quando o

menino observa a autoridade e independência/liberdade do pai e a menina o cuidado do lar e da família pela mãe.

Não distante a isso, a perda de autoestima da mulher idosa se vê afetada pelas mudanças do corpo, além da perda de mobilidade física que afeta a produtividade da mulher idosa. É quando elas se enxergam nesse processo que surgem as buscas pelas atividades que as mantêm ativas. Apesar de apresentarem baixa autoestima, que foi perceptível na modelagem dos porta-retratos quando algumas relataram não gostar de tirar fotos, não querer colocar fotos delas, mas não demonstraram a busca pela perfeição estética.

O autocuidado no caso das participantes estava ligado à saúde física e mental. Na leitura de “Vazio” de Anna Llenas, tivemos os relatos das senhoras que se encontravam nesses contextos de sobrecarga e de depressão, sendo mulheres que ou cuidam do lar e são dependentes do marido ou são solteiras e viúvas que sustentam a família e cuidam dos netos.

Foi muito interessante perceber o desenvolvimento delas com as leituras ao longo dos encontros, percebendo que os compartilhamentos que elas traziam eram ainda mais profundos e que elas entenderam que ali era um espaço seguro onde ouvimos e acolhemos suas histórias, o que é muito importante para mim e acredito que para elas também, porque pareciam que mesmo com as dificuldades vividas, hoje elas enxergam um propósito em tantas coisas que percorreram, desde a infância, a mudança, a criação dos filhos e netos, a dedicação a outras tarefas como à igreja, o artesanato e o cuidado. Também os nossos vínculos foram se desenvolvendo no decorrer das nossas atividades, o que parecia tão distante desde as nossas diferenças de idades e contextos, a falta de intimidade. O que antes não havia afinidades, passou para uma relação de acolhimento que foi aproximada pela literatura, por abrir portas para o compartilhamento e para a escuta.

Os processos artísticos também se demonstraram significativos ao revisitar memórias e criar a partir delas, além de explorar a criatividade, ressignificar as memórias e trazer novos sentidos. Também foi explorado os seus sentidos e suas expressões contribuindo para a organização dos pensamentos que a prática artística oferece.

Através dessas atividades percebi que elas enxergam essa etapa como uma fase de cuidado próprio, muitas que já superaram uma doença, uma tristeza, um

sofrimento, outras que estão dando início ao cuidado, e que é mais possível através de um ambiente comunitário, onde elas que compartilham de uma vivência às vezes parecida, que vivem em uma mesma região (norte da cidade) e podem praticar atividades físicas juntas, aulas de alfabetização, entre outras experiências que surgem dali.

Presumo que esses encontros as tenham aproximado ainda mais e aberto mais portas para atividades que as fortalecem de forma cognitiva, criativa, e claro, afetivamente. São essas atividades que contribuem para a melhor qualidade de vida para os idosos num geral, principalmente quando dispõe de atividades que resgatam suas narrativas, que como aponta a autora:

Até mesmo a memória e a narrativa na velhice, tidas como bens maiores dessa idade, encontram-se diretamente afetadas por todos esses atravessamentos contemporâneos que fomentam uma relação diferenciada do homem com o passado, com a experiência narrativa e com a (im)possibilidade de ter interlocutores no exercício de rememorar e transmitir um legado cultural. (CORREA, 2009, pág 33)

É unindo as ferramentas de linguagem da Literatura e das Artes que um indivíduo pode adquirir mais recursos verbais e não verbais para se expressar, induzidos pelos estudos da Arteterapia, tornou-se uma experiência que pode trazer chaves para o autoconhecimento que é tão necessário para sabermos lidar com as emoções e poder amenizar as dificuldades vivenciadas no processo de envelhecimento.

Além de ser uma atividade que estimula o vínculo com pessoas da mesma faixa etária, se torna um lugar de diálogo e de valorização das narrativas, concluindo aquilo que o autor considera importante no processo terapêutico:

Consideramos que, mediante a interpretação e a reflexão das vivências na relação terapêutica, a pessoa vai se apropriando dos seus próprios conteúdos, conhecendo a si mesma e se tornando assim sujeito ativo do processo terapêutico. (COQUEIRO, N. F. et al, 2010, pág. 862)

Contudo, o enraizamento de atividades que desenvolvem a reflexão, a criatividade e que valorizam a memória das pessoas idosas se demonstram eficazes para a garantia da qualidade de vida dessa população. Sobretudo, promove um ambiente comunicativo e comunitário.

Como mediadora essa pesquisa me afetou e transformou de diversas maneiras. Desde a preparação para o projeto como a realização das atividades foram

carregadas de novos aprendizados.

Apesar de conhecer e já ter lido a maioria dessas histórias para as crianças, a preparação das leituras ocorriam pensando em leitores com muito mais experiências que os leitores que trabalhavam anteriormente. Tornar os livros infantis significativos para as idosas demandou um olhar diferente sobre as histórias que proporcionam diálogos importantes.

Com o primeiro contato com as participantes pude conhecer um pouco mais sobre suas diversidades e buscar ferramentas através das leituras e práticas para que pudesse incluir todas na participação, tanto as adaptações das leituras, quanto a minha comunicação com elas para que ocorresse de forma mais efetiva diante a quantidade do grupo e minhas próprias limitações.

Adentrei o espaço do CCVC com poucos repertórios de leitura com essa faixa etária e terminei essa pesquisa compreendendo mais sobre a realidade do envelhecimento das mulheres e podendo olhar desde uma nova perspectiva para esse processo.

Em resumo, esta pesquisa não apenas destacou a riqueza das experiências e narrativas das mulheres idosas, mas também me proporcionou um profundo aprendizado sobre o envelhecimento e a importância de vínculos comunitários. O uso da literatura e das artes como ferramentas de expressão mostrou-se fundamental para promover o autocuidado e fortalecer a autoestima. As atividades realizadas não só criaram um espaço de acolhimento, mas também abriram portas para novas possibilidades e diálogos significativos. Espera-se que esses encontros possam ser a base para futuros projetos que continuem a valorizar e apoiar essas mulheres, reconhecendo suas histórias e contribuindo para uma qualidade de vida mais plena e digna em todas as fases da vida.

### **Considerações finais**

Este trabalho teve como objetivo principal explorar a importância da mediação cultural e da Arteterapia no contexto do envelhecimento feminino, destacando as experiências vividas pelas mulheres idosas durante os encontros literários. Os resultados obtidos demonstram que as atividades de leitura e modelagem de cerâmica fria não apenas promoveram a expressão artística, mas também fortaleceram os laços sociais

entre as participantes, contribuindo para o seu bem-estar emocional e para medidas que vão de encontro à qualidade de vida. A leitura literária e as Artes se mostraram essenciais no processo de mediação desta pesquisa, foi através delas pudemos despertar diálogos e reflexões sobre temas que atravessam diversas fases da vida, mas que puderam nos fazer entender e valorizar a relação delas com suas memórias, suas subjetividades e narrativas.

A experiência como mediadora cultural neste projeto me proporcionou uma profunda reflexão sobre o papel da arte e da literatura na vida das mulheres idosas, revelando a importância de ouvir suas narrativas e a necessidade de espaços de acolhimento nos entornos comunitários. Apesar dos desafios, como recursos financeiros limitados e o tempo reduzido para realizar os encontros, aprendemos a buscar ferramentas que garantem a inclusão da diversidade entre as participantes. Portanto, esse projeto de pesquisa me transformou como mediadora, permitindo explorar meus próprios vínculos com a leitura em voz alta, posicionando minhas perspectivas a respeito do envelhecimento de uma nova maneira.

É fundamental reconhecer a importância de incluir as vozes das mulheres idosas nas discussões sobre envelhecimento, pois suas experiências e histórias são essenciais para a construção de políticas públicas mais justas e inclusivas para essa população. Além disso, destacar maneiras de tornar vivas a memória dessas mulheres que contam suas histórias ao falar, ao modelar, ensinar e ao bordar, mas nem sempre ao escrever.

Com base nas experiências adquiridas, sugiro que futuros projetos explorem novas formas de mediação cultural que integrem diferentes linguagens artísticas, ampliando o alcance e o impacto das atividades tanto para a pessoa idosa como para o restante da população.

## BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, A. C. B.; RABELO, J. J. The social function of the arts and its unfoldings in the aesthetic constitution of the social being. **Acta Scientiarum - Education**, v. 45, 2023.

BARBOSA, A. e CUNHA, F. **Abordagem triangular do ensino das artes e culturas visuais**. Edição 1. São Paulo: Cortez, 2010.

COQUEIRO, et al. **Arteterapia Como dispositivo terapêutico em saúde mental**. Fortaleza, CE: 2010.

CORTEZ, Mariana. **Literatura e Artes: Guia para promover mediações de leitura literária**. [livro eletrônico]. Foz do Iguaçu, PR: Editora Bemvinda, 2024.

CORREA, Mariele. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 125 p. ISBN 978-85-7983-003-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza. **Envelhecimento, pobreza e proteção social na América Latina**. México. Papeles de Población, vol. 13, núm. 52, abril-junio, 2007, pp. 9-45

DAMIÃO, Maddi. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, 1º sem. v.39, n.1, p.91-100, 2021.

DOS REIS, Alice Casanova. **Maternidade e Trabalho: a redução da jornada de trabalho como alternativa para garantir a saúde das mães**. *Psicologia & Sociedade*, [S.l.], v. 34, p. 1-10, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/5vdgTHLvfkzynKFHnR84jqP/>. Acesso em: 30 mar. 2025.

DUARTE, João. **O sentido dos sentidos**. Curitiba: Criar Edições, 2001.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo Afro-latino-americano. **Círculo Palmarino**, 2011. Disponível em: <[www.circulopalmarino.org.br](http://www.circulopalmarino.org.br)>.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Marcos Faria. São Paulo: Editora Vozes, 2015.

JARDIM, et al. Contribuições da arteterapia para promoção da saúde e qualidade de vida da pessoa idosa. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 23, n. 4, 2020.

JORGE, Márcia de Mendonça. Perdas e ganhos do envelhecimento da mulher. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 11, n. 17, p. 47-61, jun. 2005. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682005000100004&](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682005000100004&)

Ing=pt&nrm=iso>. acessos em 21 fev. 2025.

LIMA, Aldo et al. **O Direito à Literatura**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2012.

ROYO, V. P. About Research in the Arts: a lover's discourse. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 5, n. 3, p. 533–558, dez. 2015.

SATO, M.; AYRES, J. R. DE C. M. Art and humanization of health practices in a primary care unit. **Interface: Communication, Health, Education**, v. 19, n. 55, p. 1027–1038, 1 out. 2015.

STRECK, Carla Fabiana; FRISON, Thirzá Baptista. **Lembranças de velhos: O mundo do trabalho na infância**. Est. Interdiscipl. Envelhec. Porto Alegre, v. 1, p. 105-121, 1999.

Soares, F.L.R. **Resenha: Memória e Sociedade: Lembranças de Velho**. Revista Mosaico. 2018 Jan./Jun.; 09 (1): 50-52

## **ANEXO 1– DADOS DO QUESTIONÁRIO**

Foi realizado um total de 25 questionários para coletar informações sobre os participantes. Em relação à moradia, a maioria reside em Vila C, com 14 respostas, seguida por Vila São Sebastião, com 4 respostas. Além disso, 3 participantes não identificaram suas moradias e 1 reside no Jd Veneza. Não houve respostas relativas a Jd Florença.

Quanto à idade dos participantes, 7 têm 80 anos ou mais, 14 estão na faixa de 70 anos ou mais, e 3 têm 60 anos ou mais, totalizando 24 respostas válidas.

Em termos de localização, 18 participantes vivem na zona rural, 6 na zona urbana e 1 não identificou sua localização.

Sobre a frequência de utilização da biblioteca, 3 participantes indicaram que utilizam a biblioteca mais de 10 vezes, 3 usam entre 5 e 10 vezes, enquanto 14 utilizam 1 vez. Além disso, 5 participantes utilizam a biblioteca menos de uma vez, e 1 não conhece a biblioteca do CCVC.

Por fim, em relação ao conhecimento sobre outras bibliotecas, 16 participantes afirmaram não conhecer nenhuma outra biblioteca, enquanto 8 responderam afirmativamente.